

EMERITA

Estudos de Arqueologia e Património Cultural

Nº 2 - 2016



EMERITA - Estudos de Arqueologia e Património Cultural, nº 2 (2016)

Editor: EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia

Direcção: João Carlos Caninas

Concepção e edição digital: Alexandre Lima

Paginação: Pedro Vasconcelos

Autores: Adriano Germano, André Pereira, Armando Sabrosa†, Cézer Renato Santos, Emanuel Carvalho, Fernando Jorge Robles Henriques, Francisco Curate, Francisco Henriques, Guilherme Cardoso, Jacinta Bugalhão, João Carlos Caninas, João Carlos Lopes Nunes, José Carlos Henrique António, Mário Monteiro, Sérgio Manuel Peleja Rosa e Telmo Filipe Alves António

Capa: escavação do forno romano da Quinta da Granja, Vila Franca de Xira (autor: Armando Sabrosa)

Traduções para inglês e francês: autores e Daniel Silva

ISSN: 2183 - 1963

Os textos e as opiniões neles expressas são da inteira responsabilidade dos seus autores.

Copyright © 2016: EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia e autores

Todos os direitos reservados. Não se autoriza a utilização dos textos, fotografias e imagens desta edição para fins comerciais e reprodução em suporte papel. São permitidas citações parciais dos textos desta edição desde que sejam indicados os autores, a edição e o editor.

Índice

Apresentação

Presentation

página 4

A ocupação da Idade do Ferro na Serra de Monte Deixo: Moinhos Velhos e Moinho da Mariquitas (Torres Vedras)

The occupation of the Iron Age in the Serra de Monte Deixo: Moinhos Velhos and Moinho da Mariquitas (Torres Vedras)

Mário Monteiro e Guilherme Cardoso

páginas 6

O abrigo rupestre do Outeiro do Seio (Canhão da Ota, Alenquer)

The rock shelter of Outeiro do Seio (Ota Canyon, Alenquer)

Mário Monteiro e Emanuel Carvalho

páginas 21

Forno romano da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira)

The roman kiln of Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira)

Armando Sabrosa, Fernando Robles Henriques, Emanuel Carvalho e Adriano Germano

página 29

Vestígios arqueológicos identificados no Largo da Praça (Carnide, Lisboa)

Archaeological remains identified in Largo da Praça (Carnide, Lisboa)

Mário Monteiro e Guilherme Cardoso

página 46

Um oratório islâmico no Cerro da Mina (Complexo Mineiro SOMINCOR, Almodôvar)

An Islamic oratory in Cerro da Mina (SOMINCOR Mining Complex, Almodôvar)

Fernando Jorge Robles Henriques, André Pereira, João Carlos Lopes Nunes e Telmo Filipe Alves António

página 63

Bioarqueologia de uma amostra esquelética islâmica proveniente de Carnide (Lisboa)

Bioarchaeology of an islamic skeletal sample from Carnide (Lisboa)

Francisco Curate, André Pereira e Mário Monteiro

página 93

As dinâmicas de ocupação urbana em Portel: intervenção arqueológica na Rua da Vila Velha

The dynamics of urban occupation in Portel: archaeological research in Rua da Vila Velha

Fernando Jorge Robles Henriques, Telmo Filipe Alves António, Sérgio Manuel Peleja Rosa, Cézer Renato Santos e José Carlos Henrique António

página 105

Gravura rupestre em calcário na Quinta do Escarpão (Paderne, Albufeira): notícia de descoberta

Rock carving in limestone at Quinta do Escarpão (Paderne, Albufeira): news of discovery

Fernando Robles Henriques, Mário Monteiro, André Pereira e Emanuel Carvalho

página 119

Contribuição para um catálogo de marcas de termo em Portugal Continental

Contribution for a landmark catalog in Portugal (mainland)

João Carlos Caninas e Francisco Henriques

página 122

Relembrando Armando Sabrosa, uma década depois

Remembering Armando Sabrosa, a decade later

Jacinta Bugalhão

página 134

Bibliografia de EMERITA

Bibliography of EMERITA

página 169

Apresentação

Com algum atraso e em moldes diferentes da intenção que fora manifestada aquando da apresentação da edição anterior, tornam-se públicos nove textos que têm de comum resultarem de trabalhos executados por EMERITA no âmbito da prestação de serviços de minimização de impactes de projectos de iniciativa ou de contratação privada.

Seis destes estudos reportam-se a trabalhos de escavação integral (forno romano da Quinta da Granja e oratório do Cerro da Mina) ou parcial (os restantes), remontando a 2005 os mais antigos. Os restantes três textos, um dos quais na forma de notícia e o outro como contributo para um catálogo, abordam manifestações gráficas de natureza e cronologia diversas.

O último texto desta edição recorda Armando Sabrosa, um colaborador e amigo falecido há uma década, e actualiza a sua bibliografia, parte da qual póstuma.

Importa referir que, até esta data, foram publicados, noutras instâncias, diversos trabalhos executados directamente por EMERITA além de outros que resultarem do desenvolvimento de trabalhos ou descobertas efectuadas por esta firma. Esses estudos estão citados em *Bibliografia de EMERITA*.

Entre os casos de execução directa, que foram divulgados noutros meios, podem referir-se as sondagens arqueológicas da *villa* romana da Sub-serra da Castanheira do Ribatejo (Batalha *et al.*, 2009), de estruturas monticulares na Serra Vermelha, em Oleiros (Caninas *et al.*, 2008, 2014 e 2015) e na serra da Lousã (Caninas *et al.*, 2012; Godinho *et al.*, 2012), a escavação integral de fornos romanos na A10 (Sabrosa *et al.*, 2012), de um sítio mustierense em *Vila Velha* de Ródão (Pereira *et al.*, 2015; Paixão *et al.*, 2016), de uma sepultura do tipo *tholos*, em Brinches, Serpa (Henriques *et al.*, 2014), de um depósito votivo na Moita da Ladra, em Vila Franca de Xira (Monteiro & Pereira, 2013 e 2015) e de enterramentos islâmicos em Carnide, Lisboa (Curate *et al.*, 2016) e a valorização de património vernacular (Henriques *et al.*, 2012).

A escavação executada por EMERITA no povoado calcolítico de Moita da Ladra, em Vila Franca de Xira (Cardoso & Caninas, 2010), teve desenvolvimentos posteriores na forma de uma monografia sobre o sítio (Cardoso, 2014) e de estudos de materiais (Gonçalves *et al.*, 2015; Pereira *et al.*, 2016). O mesmo sucedeu com o depósito votivo denominado Moita da Ladra 2 (Cardoso, 2013a, 2013b). Os metais recolhidos no outro depósito votivo, acima mencionado, também foram objectivo de estudo específico (Valério *et al.*, 2015).

O estudo de um abrigo com gravuras e pinturas pré-históricas identificado na foz do rio Tua, no decurso da avaliação ambiental de projecto hidroeléctrico, também teve desenvolvimentos posteriores ilustrativos do seu excepcional interesse (Valdez-Tullett, 2013; Sanches & Teixeira, 2013; Teixeira *et al.*, 2016). Ainda no domínio do estudo de grafismos rupestres refira aplicação do Modelo do Resíduo Morfológico em diversos sítios do Centro de Portugal (Caninas *et al.*, 2011; Pires *et al.*, 2016).

EMERITA tem colaborado desde 2012 no desenvolvimento do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (Henriques *et al.*, 2016).

Presentation

With some delay and a different intention than the one shown in the previous presentation, the nine texts which resulted from the works done by EMERITA in the delivery of services to reduce the impact of initiative projects or private hiring are now public.

Six of these studies refer to entire (Quinta da Granja's Roman oven and Cerro da Mina's oratory) or partial (the remaining studies) excavation works, the oldest dating back to 2005. The remaining three texts, one of which is in news format and the other as a part of a catalogue, address graphic manifestations, different both in nature and chronology.

It is important to outline that, to this date, diverse works that were executed directly by EMERITA, among others, have been published before. Other studies resulted from the development of works or findings performed by this company. Those studies are cited in this essay's Bibliography.

Among the cases of direct execution which have been disclosed by other means, it is possible to refer to the archaeological surveys of the sub-region of the Castanheira do Ribatejo mountain's Roman villa (Batalha *et al.*, 2009), to stone made structures in Serra Vermelha, in Oleiros (Caninas *et al.*, 2008, 2014 and 2015) and in Serra da Lousã (Caninas *et al.*, 2012; Godinho *et al.*, 2012), to the complete excavation of the Roman ovens at A10 (Sabrosa *et al.*, 2012), to a Mousterian site in Vila Vellha de Ródão (Pereira *et al.*, 2015; Paixão *et al.*, 2016), to a *tholos* tomb in Brinches, Serpa (Henriques *et al.*, 2014), to a votive deposit in Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Monteiro & Pereira, 2013 and 2015), to Islamic burials in Carnide, Lisbon (Curate *et al.*, 2016) and to a valuation of vernacular patrimony (Henriques *et al.*, 2012).

The excavation carried out by EMERITA in the Chalcolithic settlement in Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Cardoso & Caninas, 2010), had previous developments with a monography about the site made (Cardoso, 2014) and with other material studies (Gonçalves *et al.*, 2015; Pereira *et al.*, 2016). The same happened with the votive deposit named Moita da Ladra 2 (Cardoso, 2013a, 2013b). The metals collected from the votive deposit mentioned above were also subjects to specific study (Valério *et al.*, 2015).

The study of a Prehistoric shelter with stone markings and paintings identified in Tua's river mouth during the environmental evaluation for the hydroelectric

project, also had previous developments, which illustrate its exceptional importance (Valdez-Tullett, 2013; Sanches & Teixeira, 2013; Teixeira *et al.*, 2016). Still with the purpose of studying rock art, this study refers to the application of the Morphologic Residue Model in different places of Central Portugal (Caninas *et al.*, 2011; Pires *et al.*, 2016).

Since 2012, EMERITA has collaborated in the development of Proença-a-Nova Archaeological Field Camp (Henriques *et al.*, 2016).

Um oratório islâmico no Cerro da Mina (Complexo Mineiro SOMINCOR, Almodôvar)

An Islamic oratory in Cerro da Mina (SOMINCOR Mining Complex, Almodôvar)

Fernando Jorge Robles Henriques¹, André Pereira², João Carlos Lopes Nunes³ e Telmo Filipe Alves António⁴

Resumo

Os trabalhos arqueológicos possibilitaram a definição de um conjunto religioso, composto por dois compartimentos, atribuível a Época Islâmica. Ambas as estruturas identificadas e adossadas apresentam contorno rectangular. O oratório exibia *qibla* com orientação Sudeste – Noroeste e, sensivelmente ao centro, impunha *mihrab*. Do templo, melhor preservado, sobrevivia fiada de pedras pouco proeminente. A construção recorria a blocos de xisto e grauvaque semi-aparelhados ou seleccionados pela forma rectiforme natural. Terra amassada seria utilizada como matéria-prima de agregação. As paredes seriam levantadas em taipa. A intervenção realizada permitiu avaliar o estado de conservação, a funcionalidade e o interesse científico dos vestígios assinalados.

Palavras-chave: Período Islâmico; *Mihrab*; arquitectura religiosa; *mesquita-cela*; arqueologia de salvaguarda e registo patrimonial.

Abstract

The archaeological works allowed the identification of a religious complex with two compartments, which goes back to the Islamic Period. Both structures feature a rectangular layout. The oratory possessed a *qibla* with Southeast-Northwest orientation and at its center presented a *mihrab*. From the temple, better preserved, only a stone tier subsisted, though very shallow. The construction included shale and greywacke blocks, carved or naturally rectangular shaped united with knead earth. The walls were made using the rammed earth technique. The intervention allowed the assessment over the conservation, function and

scientific relevance of the identified remains.

Keywords: Islamic Period; *Mihrab*; religious architecture; Mosque – cell; safeguard archeology and patrimonial registration.

Introdução

Na sequência de trabalhos de prospecção arqueológica foi identificado um sítio de interesse patrimonial, de presumível cronologia Medieval Cristã – Época Moderna, localizado na área de implantação do reservatório de Cerro da Mina, prevendo-se a sua destruição durante as obras de construção para a execução do mesmo (Fotografia 2 - quadro 2). No sentido de se aplicarem medidas de minimização adequadas à salvaguarda, foi solicitada ao Dr. Samuel Melro a sua comparência no local, de modo a reunir com o arqueólogo responsável pelo acompanhamento arqueológico, Dr. Fernando Santos, e o representante do promotor, Dr.^a Mafalda Oliveira. Na sequência da referida reunião, realizada a 21 de Janeiro de 2013, o técnico superior da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, apontou, como

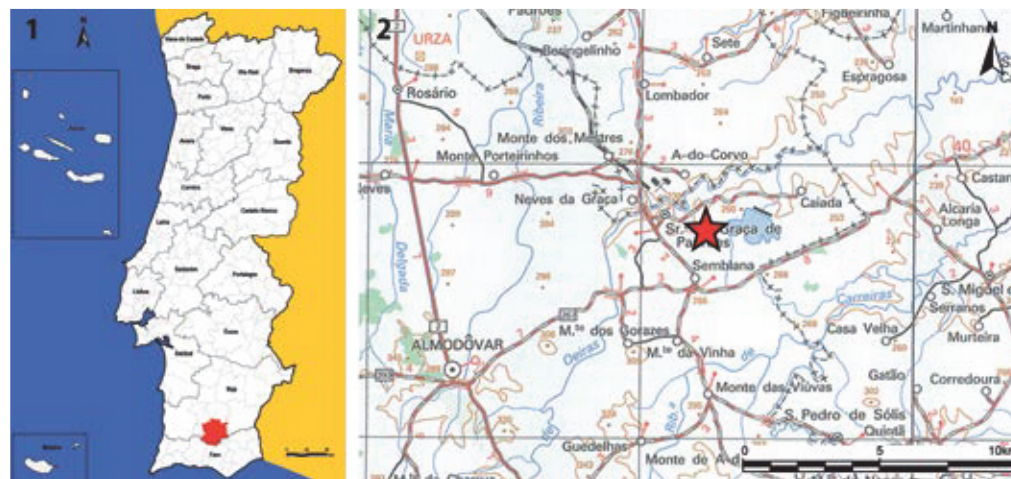


Figura 1. (1) Localização do concelho de Almodôvar em mapa administrativo de Portugal Continental e (2) sítio arqueológico Cerro da Mina 1 sobre extracto da Carta de Portugal, na esc. 1:250.000 (IGeoE, 2008).

¹Nascido em Amareleja - Moura (Maio de 1969). Licenciado em História pela Universidade Lusíada, no ano de 1999. Arqueólogo da Câmara Municipal de Almada, com participação em projectos da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), Centro de Arqueologia de Almada e de outras instituições e investigadores. Desenvolvimento da actividade no âmbito da arqueologia empresarial (colaboração com as empresas de arqueologia EMERITA, Zephyros e Muntu Ardhil), com direcção e intervenção em Estudos de Impacte Ambiental, Prospecções, Escavações e Acompanhamentos.

²Nasceu em Lisboa em Abril de 1981. Licenciado em História, variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2003. Trabalha actualmente como arqueólogo freelancer. Colaboração com as empresas EMERITA e Zephyros Arqueologia no domínio da arqueologia empresarial, em cujo âmbito dirigiu ou participou em trabalhos a nível nacional (Estudos de Impacte Ambiental, Escavações e Acompanhamentos). Colabora ainda nos projectos de investigação Mesopotamias e MegaGeo, entre outros.

³Arqueólogo de profissão, nasceu em Setúbal, em 1984. Licenciou-se em Arqueologia e História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2006. Tem participado em diversos trabalhos arqueológicos, essencialmente em Estudos Ambientais, nos domínios da Arqueologia Preventiva e de Acompanhamento.

⁴Nasceu em Lisboa (Dezembro de 1974). É licenciado em História, variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano de 1996. Arqueólogo na Câmara Municipal de Almada. Colaboração com as empresas EMERITA e Zephyros Arqueologia no domínio da arqueologia empresarial, em cujo âmbito dirigiu ou participou em trabalhos a nível nacional (Estudos de Impacte Ambiental, Escavações e Acompanhamentos).

medida de minimização de impactes negativos sobre património arqueológico, a concretização de sondagens de diagnóstico e avaliação. Ao referido sítio arqueológico foi atribuída a designação de *Cerro da Mina 1* e o Código Nacional de Sítio n.º 33837 (Processo AIA n.º 1714). A área de dispersão de materiais foi devidamente sinalizada e vedada de forma a impedir a circulação de máquinas afectas à obra nas imediações do sítio arqueológico.

O Plano Director Municipal de Almodôvar foi aprovado, segundo resolução do conselho de Ministros n.º 13/98, no dia 7 de Julho de 1997 (Diário da República – 1ª Série – B, n.º 22, de 27 de Janeiro de 1998). O ponto 2 do Art.º 12ª (Depósitos Minerais e Pedreiras) refere que “as pedreiras em actividade no concelho localizam-se junto a Porteirinhos e Monte dos Gorazes”. Consequentemente, o Ponto 3 informa que “os condicionamentos relativos ao exercício de actividade de prospecção e extracção de recursos geológicos e à preservação da qualidade do ambiente e da recuperação paisagística antes, durante e finda a exploração são os constantes nos Decretos-Lei n.º 88/90, 89/90 e 90/90, de 16 de Março, e 46/94, de 22 de Fevereiro, nomeadamente a comunicação à Direcção-Geral de eventuais achados arqueológicos [Alínea d) do Capítulo VIII - Da preservação da qualidade do ambiente e da recuperação paisagística, Artigo 54.º, referente à Protecção do ambiente] e comunicação à entidade licenciadora de eventuais achados arqueológicos [Alínea d) do Capítulo VI - Da preservação da qualidade do ambiente e da recuperação paisagística, Artigo 44.º, referente à Protecção do ambiente].

O concelho de Almodôvar está situado no Baixo Alentejo, distrito de Beja, entre a Serra do Caldeirão e a planície alentejana. É rodeado pelos concelhos de Loulé e Silves, a Sul e Sudoeste, respectivamente, Ourique (a Poente), Castro Verde (a Norte), Mértola (a Nascente) e, ainda, Alcoutim, num curto segmento da Ribeira do Vascão.

Geologicamente, a Região Sul Portuguesa contacta com a Zona de Ossa Morena através do cavalcamento Ferreira – Ficalho. Este facto encontra-se parcialmente sobre o Complexo Ofiolítico de Beja – Acebuches. A Região Sul Portuguesa é caracterizada pela existência de um Complexo Vulcano Sedimentar do Devónico Superior-Carbónico Inferior, composto por xistos, siltitos, tufitos, jaspes, rochas vulcânicas ácidas e rochas vulcânicas básicas e é sobreposto por uma sequência do Culm, composto pelas formações do Grupo do Flysch do Baixo Alentejo, representado pelas Formações de Mértola e Mira. Por baixo do Complexo Vulcânico Sedimentar encontra-se o Grupo Filito-Quartzítico composto por filitos, quartzitos e siltitos. As formações mais antigas datam do Devónico Inferior e pertencem à Formação do Pulo do Lobo que inclui filitos, quartzitos e rochas resultantes de raro vulcanismo ácido e básico (Pinho, 2003).

O acesso à área intervencionada efectua-se a partir da Estrada Nacional 2, no troço entre Castro Verde e Almodôvar e, posteriormente, pela saída de Monte Porteirinhos. Os caminhos existentes possibilitavam comunicação directa com o sítio arqueológico.

1. Metodologia

As sondagens manuais de diagnóstico, assim como a consequente escavação arqueológica em área, tiveram como objectivos identificar e salvaguardar a possível existência de vestígios de interesse cultural passíveis de afectação em consequência do Projecto, assim como a obtenção de informação que permitisse determinar o estado de conservação, a funcionalidade e o interesse científico destes, ambicionando, em paralelo, justificar a aplicação de medidas adequadas à minimização dos impactes negativos. Esta avaliação foi executada por convite de Procecl - Engenharia Hidráulica e Ambiental, SA.

As tarefas executadas consistiram em:

1. desmatação manual prévia das áreas de trabalho;
2. marcação de sondagens em áreas a determinar em campo, obedecendo a dimensões pré-determinadas, levantamento topográfico e ligação à rede geodésica nacional;
3. escavação por unidades estratigráficas com execução de sucessivos registos fotográficos, desenho de planos e de cortes.

A escavação arqueológica foi realizada, integralmente, de forma manual e decorreu em profundidade mediante a remoção de sedimentos por camadas naturais até atingir o nível geológico. Esta metodologia foi submetida à Direcção Regional de Cultura do Alentejo no Plano de Trabalho enviado, tendo sido aprovada. No decurso dos trabalhos arqueológicos foi utilizado material fotográfico, de desenho e nível, adequados ao registo fotográfico e gráfico dos trabalhos executados e vestígios arqueológicos identificados.

Foi efectuado o levantamento topográfico das áreas de escavação, tendo ficado ligadas à Rede Geodésica Nacional no Sistema de Projecção Hayford, Elipsóide Gauss, Militares datum Lisboa, coordenadas altimétricas referentes ao Marégrafo de Cascais, trabalho executado pelo topógrafo António Nunes (Empresa GEOIDE).

2. Trabalho de campo

A topografia próxima do *Cerro da Mina 1*, parcialmente descaracterizada pelo avanço do núcleo industrial, evidencia relevo de declives pouco acentuados e tendencialmente planálticos. O desenvolvimento morfológico, nomeadamente a

conjugação de pequenos cabeços, plataformas, pendentes suaves e pequenos esporões sobranceiros a linhas de água, sugeria condições favoráveis de assentamento de comunidades humanas (Fotografia 1 - quadro 2). A continuidade de fixação materializava-se na presença de ruínas que ocupavam “o topo de elevação, encontrando-se com coberto arbustivo por vezes denso a dificultar a observação. É visível uma área com grande densidade de derrubes e construções, havendo algumas estruturas que ainda se erguem a cerca de 2 m de altura. As estruturas melhor preservadas permitem identificar construções com um aparelho cuidado utilizando uma argamassa de terra crua pouco compacta como ligante. Identificou-se uma estrutura circular de alvenaria de pedra de xisto que parece corresponder a um pequeno forno (...) os vestígios visíveis apenas permitem identificar um pequeno núcleo habitacional (...) que corresponde à ocupação mais recente do sítio, integrável em cronologias de Época Moderna” (Santos, 2013).

Em 2007, resultado de Estudo de Impacte executado na região, foi apontada a existência de uma alcaria Alto Medieval ou Medieval Islâmica, em colina oponente localizada na direcção Sul – Sudeste. Foram descritos derrubes, estruturas e materiais dispersos à superfície (Monteiro & Caninas, 2007). Os dois núcleos partilhavam alcance visual e, presumivelmente, contextualização histórico-cronológica.

Em redor do local intervencionado, assinalaram-se ocorrências de enquadramento Moderno – Contemporâneo, de vocação rural, como poço e tanque, muros de delimitação de propriedade, morouços e fornos. Foi possível observar afloramentos de xisto e grauaque nos sectores imperturbados pela actividade construtiva e/ou periféricos. A ocupação vegetal que circundava e ocupava parcelarmente a área de intervenção caracterizava-se, essencialmente, por mancha de oliveiras dispersas, associada a vegetação autóctone, arbustiva e herbácea, com claro predomínio para a esteva. Nesta fase, os campos envolventes encontravam-se vocacionados para o pastoreio de gado, em detrimento de outras actividades agrícolas.

No entanto, foram os testemunhos observados na encosta Sul e Sudeste do lugar designado como Cerro da Mina, nomeadamente a abundância de fragmentos cerâmicos (de uso comum e de construção) e troços de muros superficiais, que justificariam a intervenção arqueológica no local.

A intervenção arqueológica foi iniciada no dia 11 de Fevereiro de 2013 e concluída a 19 do mesmo mês. Após obrigatória indução de segurança realizada nas instalações da SOMINCOR e reunião de esclarecimento, na qual estiveram presentes a Dr.ª Mafalda Oliveira, o Dr. Samuel Melro e o Dr. Fernando Santos, os trabalhos de campo foram assegurados por equipa constituída por quatro arqueólogos,

nomeadamente Fernando Robles Henriques, André Pereira, João Nunes e Telmo António, e seis trabalhadores indiferenciados em regime rotativo (entre eles, Edmar Candeias, Manuel Guerreiro, Manuel Geraldo, José Dias, Francisco Amaro, António Augusto), situação que se manteve, a espaços, durante a 2ª Fase de abordagem ao terreno (Fotografia 3 - quadro 2).

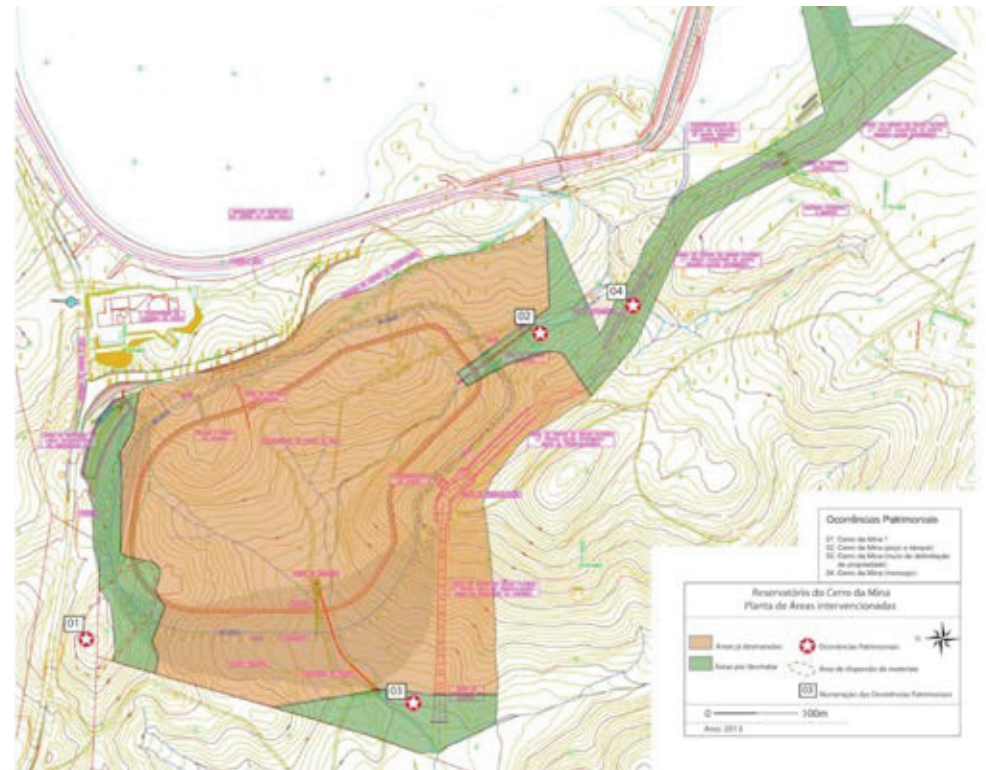


Figura 2. Localização do sítio Cerro da Mina 1 relativamente ao avanço das obras. Assinalado como 1.

Neste contexto, segundo esclarecimentos e indicações preliminares do Dr. Samuel Melro, foram decididos seis pontos de influência directa e indirecta dos achados no interior da Área de Incidência do Projecto. Consequentemente, foi implantada a respectiva quadrícula. Adoptaram-se, como referência altimétrica, dois pontos de coordenação absoluta, inseridos e cotados por topógrafo.

Previamente, efectuou-se o registo fotográfico geral da área a intervir. Incidir-se-ia, essencialmente, na vertente de pendente suave. Desmatada, apresentava boas condições de visibilidade, pelo que se reconheciam os alinhamentos com alguma facilidade.

2.1. Sondagens de diagnóstico (1ª fase)

Sondagem 1 (2 m x 2 m). No local foi assinalada uma plataforma com vestígios arqueológicos que pareciam denunciar a existência de um contexto de *habitat*. No decurso dos trabalhos de prospecção, identificaram-se troços superficiais de muro aparelhado em relativo bom estado de conservação (Fotografia 4 - quadro 2). Foi possível constatar a proliferação de material cerâmico de construção, nomeadamente fragmentos de telha (*imbricis* espessos, a maioria exibindo pastas grosseiras e decoração digitada) e escassa cerâmica comum.

Entre alinhamentos, no interior das fundações dos muros existentes, ficou definido um nível de derrube constituído por blocos de xisto e telhas (UE 3). A Este, a parede sugeria pressão ou arrastamento, exibindo aparelho pior preservado ou danificado, eventualmente por desgaste temporal e/ou acção de máquinas ou alfaia agrícola. Revelou fraca potência estratigráfica. Não obstante, estabeleceu-se, parcialmente, o espaço interior da divisão, assim como uma estrutura de combustão assente sobre o afloramento rochoso, estruturada por capeamento de argila rubefacta em

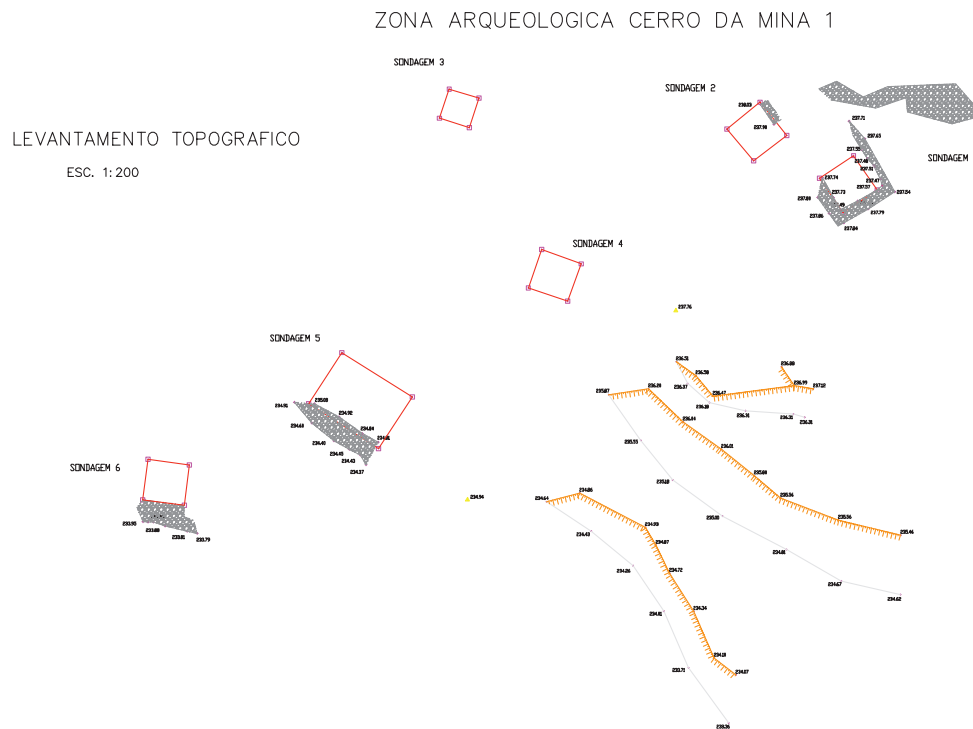


Figura 3. Distribuição das sondagens arqueológicas realizadas.

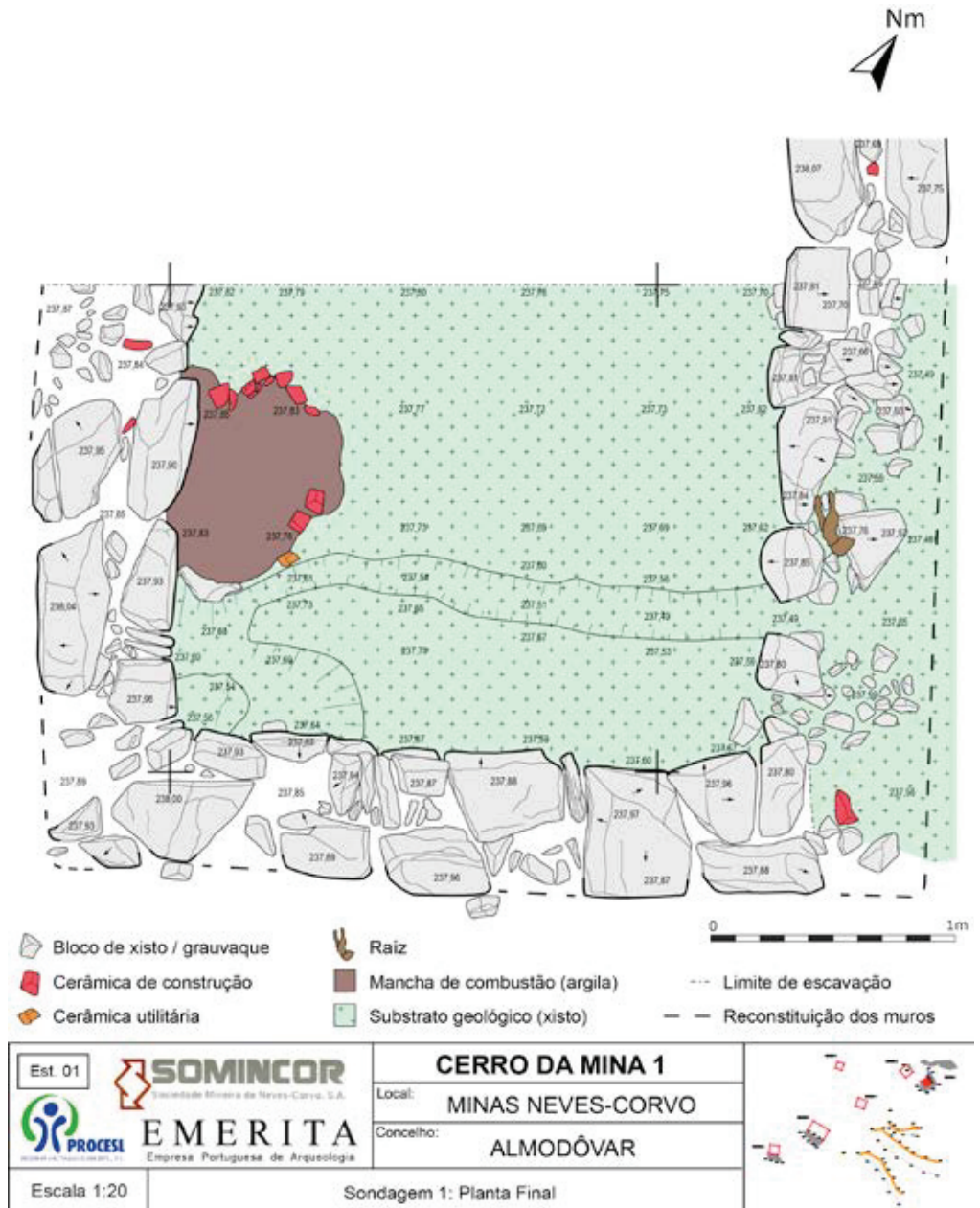


Figura 4. Aspecto final da Sondagem 1. Contorno parcial da estrutura, vala de drenagem e estrutura de combustão.

nível de fragmentos de telha dispostos horizontalmente. A limpeza final possibilitou a avaliação de uma pequena vala de escoamento talhada no xisto. O

contexto revestia directamente o afloramento. Decidiu-se o alargamento da área inicial para que fosse possível estabelecer a extensão exterior da edificação. A escavação decorreu até ao nível rochoso (geológico), tendo os vestígios arqueológicos sido cobertos, provisoriamente, com manta geotêxtil (Fotografia 5 - quadro 2).

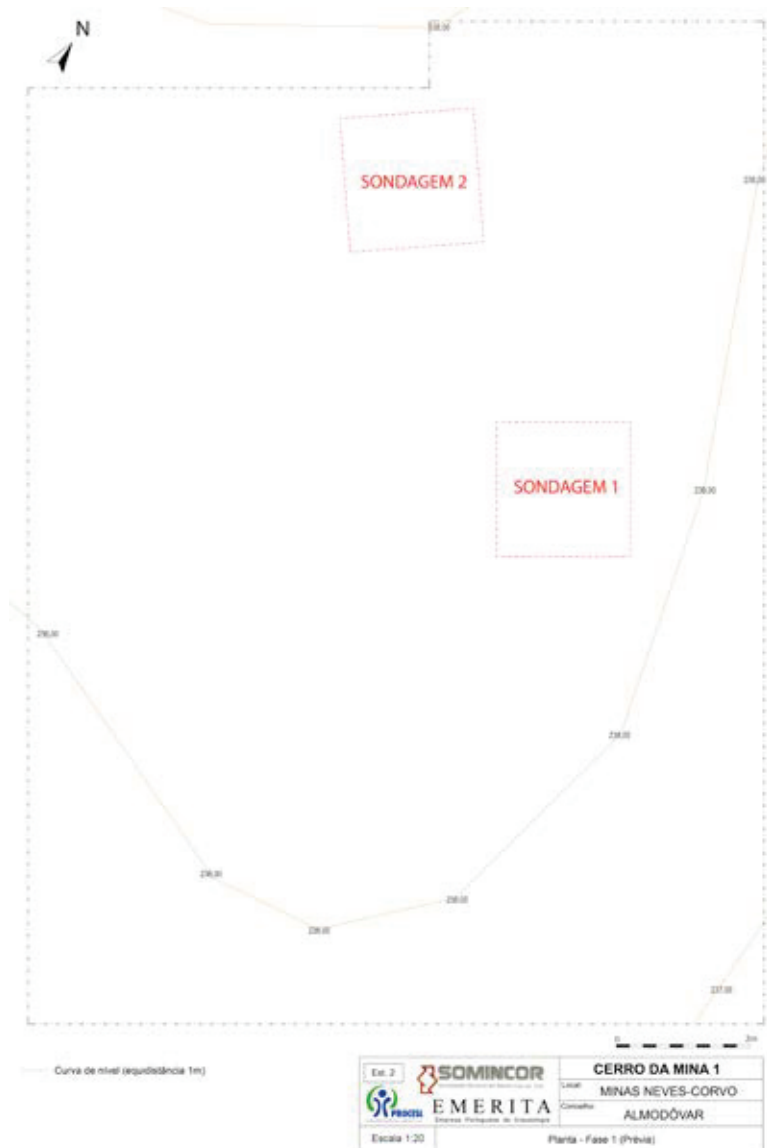


Figura 5. Distribuição dos compartimentos individualizados em campo.

Sondagem 2 (2 m x 2 m). Localizada no prolongamento Noroeste da quadrícula 1. Estrategicamente implantada na face exterior da construção permitiu avaliar a metodologia de organização arquitectónica, nomeadamente a simples imposição vertical de blocos de xisto semi-aparelhados, sem recurso à abertura de valas de fundação (Fotografia 6 - quadro 2). O desenvolvimento da hipotética casa rural (como considerada na altura) encontrava-se limitado por afloramento rochoso, disfarçado por cobertura herbácea densa.

Sondagens 3 (1,5 m x 1,5 m) e 4 (2 m x 2 m). Os resultados obtidos nestes sectores não se revelaram significativos (Fotografias 7 e 8 - quadro 2). Apenas foram exumados pequenos fragmentos de telha, muito rolados. A acção foi acompanhada por rigoroso levantamento fotográfico e, após conclusão, registo gráfico das características geológicas (desenho dos cortes remanescentes).

Sondagens 5 (3 m x 4 m) e 6 (2 m x 2 m). A sua abertura justificou-se pela existência de alinhamentos superficiais relativamente organizados. Consequência de escorrimentos / deslizamentos, explicados pelo facto de se situarem na base da encosta, evidenciavam maior potência estratigráfica. A remoção de sedimentos tornou perceptíveis, em ambas, muros de sustentação constituídos por balastros de médio e pequeno porte, amparados por elementos de maior robustez e dimensão, sem utilização de matéria-prima ligante. Adossados ao maciço de xisto, amparavam plataforma agrícola artificial (Fotografias 9 e 10 - quadro 2).

Em resumo, nas Sondagens 2, 3, 4, 5 e 6, a análise de perfis revela a esterilidade arqueológica dos estratos naturais, tendo sido observadas apenas três unidades geológicas dominantes comuns à maioria dos sítios de perscrutação (exceptuando-se a Sondagem 1):

UE [1]	Estrato argiloso fino, arável e solto. De tom castanho-escuro e fácil remoção. Inclui elementos pétreos de pequena dimensão, resultado de despedrega. Bastantes raízes de arbustos, apesar da desmatação prévia. À superfície, manta morta esparsa e pouco expressiva.
UE [2]	Nível argilo-arenoso, compacto, de tom amarelado, antecedendo o maciço geológico.
UE [13]	Substrato rochoso (xisto).

Quadro 1. Sequência estratigráfica registada na escavação do Cerro da Mina 1 (1ª fase).



Foto 1. Local de implantação do eremitério. Pormenor inicial.



Foto 2. Enquadramento do local de escavação do reservatório.



Foto 3. Fase inaugural dos trabalhos arqueológicos.



Foto 4. Sondagem 1. Definição do interior do Compartimento A.



Foto 5. Aspecto final da Sondagem 1 e Contorno parcial da estrutura, vala de drenagem e estrutura de combustão.



Foto 6. Sondagem 2. Plano final.



Foto 7. Plano final da Sondagem 3.



Foto 8. Plano final das Sondagem 4.



Foto 9. Aspecto da Sondagem 5 no final da primeira fase dos trabalhos.



Foto 10. Aspecto da Sondagem 6 no final da primeira fase dos trabalhos

Quadro 2. Registo fotográfico da 1ª fase da escavação do Cerro da Mina 1

2.2. Escavação arqueológica em área (2ª fase)

A determinação de execução de sondagens destinadas a obter informação que permitisse avaliar o estado de conservação, a funcionalidade e o interesse científico dos vestígios assinalados no sítio referenciado como *Cerro da Mina 1* permitiu obter resultados que preconizaram a adopção de medidas complementares de salvaguarda. Foram apurados dados de interesse arqueológico que condicionaram o desenvolvimento imediato da construção do reservatório projectado, o que obrigou à concretização de escavação integral da estrutura identificada.

Conclusões cronológicas concretas, após conclusão da 1ª fase de investigação, encontravam-se dependentes de uma avaliação objectiva das características do material resgatado, após limpeza e tratamento. Uma vez que se estabeleceu a necessidade de prolongamento dos trabalhos arqueológicos, centrados na suposta estrutura habitacional identificada, ponto específico de recolha de maior volume de potenciais elementos de estudo, optou-se por não estabelecer, naquele momento, qualquer tipo de análise preliminar.

Os trabalhos de campo foram retomados no dia 4 de Março. Após registo fotográfico, procedeu-se à decapagem da área envolvente a Sul – Sudeste das

Sondagens 1 e 2. Independentemente da metragem contratada inicialmente (64 m²), optou-se pelo esclarecimento integral das características planimétricas dos muros visíveis, como medida de avaliação da sua real dimensão e potencial. No total, foram intervencionados cerca de 159 m². Os espaços determinados passaram a ser individualizados e referenciados como Compartimentos. O limite externo Nordeste da divisão foi delimitado. Posteriormente, seguiu-se no sentido Noroeste, mas não houve aproximação ao afloramento saliente. A Sudoeste não existiam indícios de continuação da parede, coerente com o alinhamento identificado na Sondagem 2. A Norte, junto ao maciço rochoso, foi definido o derrube de várias pedras.

A definição do alinhamento do muro Sudeste do Compartimento A, nomeadamente para o exterior e na direcção Sudoeste, parecia configurar novo compartimento (B), mas viria a constatar-se apenas a presença de um ponto de colmatação / enchimento de depressão entre afloramentos, nomeadamente pedra abundante e cerâmica de construção.

A identificação de um nova divisão (C), a Sudeste, cujo derrube se estendia ao afloramento xistoso protuberante, motivou a tentativa de definição de alinhamentos que configurassem os limites externos.

A posição designada em campo por Compartimento D viria a resumir-se como ponto de extravasamento de colapso estrutural, eventualmente de cobertura, assente no contacto exterior dos dois edifícios definidos.

O *mihrab* ou nicho sagrado do espaço religioso viria a ser referenciado como Compartimento E.

Compartimento A. Localizado a Nordeste, em plataforma com vestígios arqueológicos que, em conjuntura inicial, pareciam denunciar a existência de um contexto de *habitat*, foi parcialmente identificado durante a intervenção das sondagens 1 e 2 (1ª fase). Após remoção do estrato superficial, apesar de o sedimento se encontrar saturado de água, consequência de más condições climáticas contínuas (Fotografias 11, 12 e 13 - quadro 3), ficou visível um nível de blocos de pedra relativamente regularizado (Fotografia 17 - quadro 3). Destacava-se, comparativamente ao primeiro momento de escavação, o aumento de número de fragmentos de cerâmica comum recolhido, em detrimento dos fragmentos de telha ou materiais de construção, realidade que sofreria inversão na divisão contígua (Compartimento C).

Revelou fraca potência estratigráfica. A largura interna já tinha sido estabelecida, assim como uma estrutura de combustão assente sobre o afloramento rochoso,

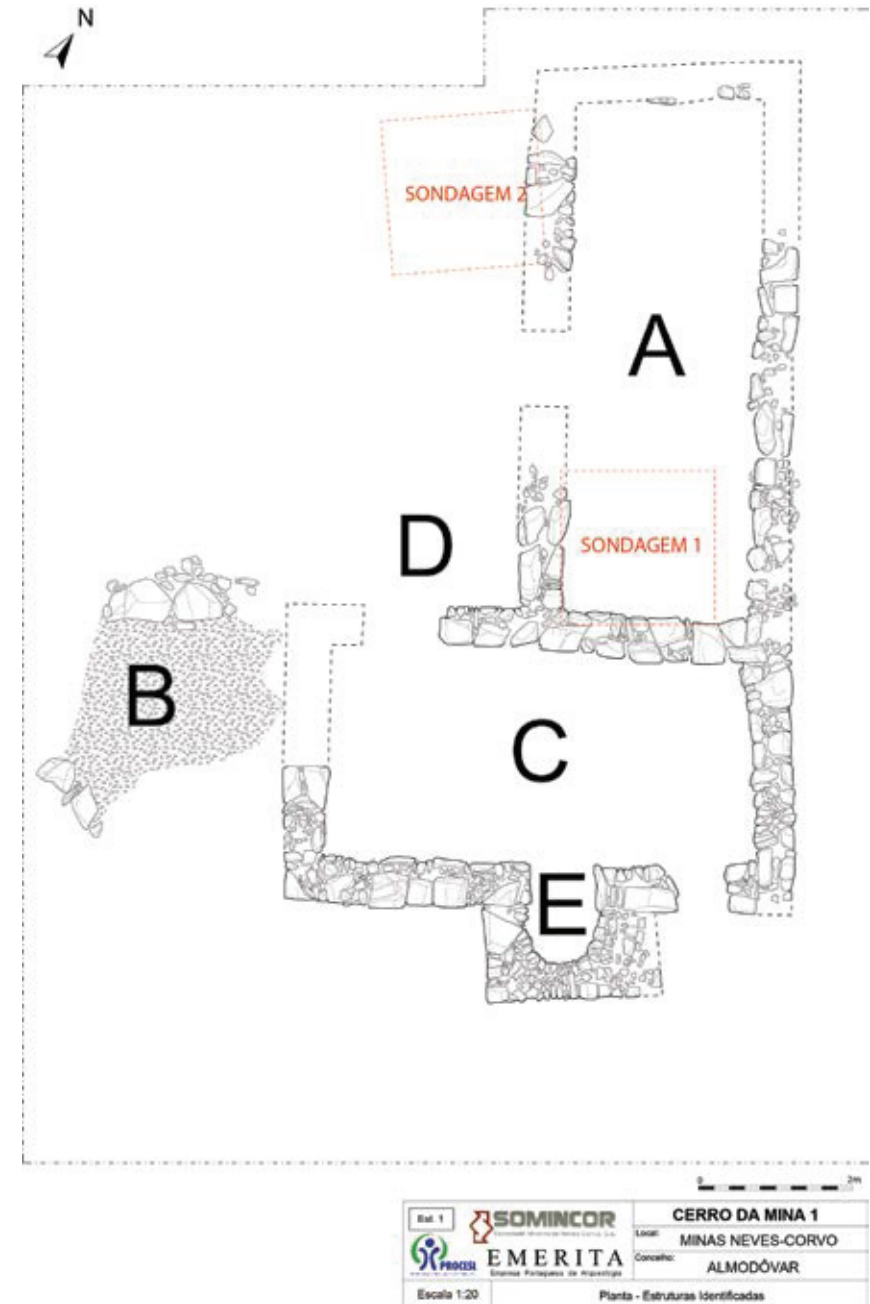


Figura 6. Distribuição dos compartimentos individualizados em campo

constituída por capeamento de argila rubefacta em nível de telha disposta horizontalmente (UE 5). Quando retirada a matéria envolvente, foi possível observar a organização de fragmentos, alguns com marcas digitadas e sinais de sujeição a altas temperaturas (Fotografia 18 - quadro 3). Corresponderá ao tipo de lareira melhor difundido no sul português. Regista paralelos, por exemplo, nos sítios arqueológicos de *Alcaria Longa* (Mértola) e no povoado islâmico da *Portela 3* (Pires & Ferreira, 2003).

A parede Nordeste encostaria a afloramento parcialmente regularizado, intercalando com cristas naturais que, provavelmente, constituiriam reforço e travamento estrutural. Nas partes talhadas teria ocorrido assentamento de blocos que, entretanto, terão resvalado. A Noroeste, corte regular, bem vincado, no maciço rochoso, permite o adocamento de parede frágil, de aparelho precário. Não se identificou vala de fundação.

O xisto regularizado constituiu pavimento. Sensivelmente a meio da divisão, depressão natural colmatada por enchimento de sedimento argiloso com nódulos evidenciando exposição a altas temperaturas, blocos de pedra e lajes (Fotografia 19 - quadro 3). Buraco de poste (?) definido por abrasão no substrato ladeia, a Nordeste, o contexto descrito (Fotografia 16 - quadro 3).

No geral, trata-se de uma edificação bastante débil, levantada com recurso a blocos de xisto e terra. Exibe espaços abertos entre muros, o que pode significar ausência de ligação por colapso e/ou antigas entradas. Não foi possível identificar a localização exacta de qualquer porta, embora se suspeite da sua existência na parede Noroeste. Apresentava planta rectangular simples (670 cm x 246 cm = 16,5 m²), desenvolvendo-se, tendencialmente, na direcção Nordeste – Sudoeste.

Compartimento C. Situado no prolongamento Sudoeste da área. Partilhava parede com o Compartimento A, sem que houvesse comunicação entre eles. No interior ficou definido um nível de derrube constituído por blocos de xisto e telhas dispostas horizontalmente (Fotografia 20 - quadro 3). Foi possível constatar a proliferação de material cerâmico de construção, nomeadamente fragmentos de telha (*imbrices* espessos, a maioria exibindo pastas grosseiras e decoração digitada) e escassa cerâmica comum. Esta circunstância sugere colapso paulatino da cobertura, sem que se tivessem verificado fenómenos ulteriores de adulteração do contexto.

Após remoção da realidade correspondente a colapso, foi delimitado um alinhamento de pedras, raso relativamente ao topo dos alicerces da nave da pequena mesquita, assente directamente sobre o piso artificialmente suavizado. A organização construtiva parecia delinear uma espécie de bancada estreita

(Fotografia 21 - quadro 3). De aparelho distinto, encostava à parede Sudeste da nave única do eremitério. Serviria, eventualmente, para apoio e arrumação / organização litúrgicos? No registo gráfico do monumento localizado em Arrifana (Aljezur) parece existir uma realidade idêntica, embora adossada à parede opONENTE (Noroeste).

Muro intermédio entre os Compartimentos A e C simulava deslizamento lateral, por pressão ou arrastamento, exibindo aparelho pior preservado ou danificado, eventualmente por acção de maquinaria agrícola ou desmantelamento, transporte e reaproveitamento de elementos noutra local. Apesar de se observarem vestígios de derrube de cobertura sob os blocos pétreos, circunstância que acarretava algumas dúvidas de interpretação e podia indiciar uma edificação agregada em altura posterior à derrocada, a hipótese de escorregamento foi validada pelo arqueólogo Fernando Santos durante o acompanhamento da fase de desmontagem.

Compartimento E. Estrutura exterior de contorno quadrangular, com 228 cm de lado, adossada à parede Sudeste do conjunto arquitectónico (*qibla*). Resguardava pequeno compartimento de contorno elíptico, alongado em ferradura (126 cm x 90 cm). Forma tendencialmente circular alcançada a partir da organização de pedra pequena, fincada em espinha (Fotografia 14 - quadro 3). No interior, ausência de evidências materiais. Paralelos tipológicos permitiram legitimá-lo como pequeno oratório de período islâmico. Rasgo na estrutura estabelece a existência de acesso ao interior. Afloramento regularizado era utilizado como piso de circulação interna (Fotografia 22 - quadro 3).

A Sudoeste, a parede prolonga-se na direcção Nordeste, mas é interrompida por maciço rochoso alto, talhado superficialmente. Não intercepta muro intermédio entre Compartimentos A e C, embora se conjecture o seu contacto original. Restantes áreas próximas correspondem a zonas de derrube de telha (Fotografia 15 - quadro 3). Ainda neste sector, preenchimento de depressão natural entre afloramentos (B). Pendente contrariada pela imposição de grandes blocos de xisto travados por laje. Espaço interno artificialmente criado e colmatado por pedra e fragmentos de telha. Encarou-se a realidade observada como eventual regularização intencional para pátio ou contributo planeado para melhoria das condições de circulação no exterior do conjunto arquitectónico (Fotografias 23 e 24 - quadro 3).

2.3 Resultados

A intervenção arqueológica de campo ficou concluída no dia 23 de Março. A acção culminou com levantamento fotográfico e, após conclusão, registo gráfico das características geológicas (desenho dos cortes remanescentes) e planta geral das



Foto 11. Limpeza da área de trabalho após período de chuva intensa.



Foto 12. Compartimento A saturado alagado (U. E. 3).



Foto 13. Tentativa de escoamento de água com recurso a mangueira.



Foto 14. Momento de definição do *mihrab*.



Foto 15. Pormenor do Derrube Sul.



Foto 16. Compartimento A. Buraco de poste?



Foto 17. Compartimento A. Nível regular de blocos de pedra.



Foto 18. Estrutura de combustão após remoção do capeamento de argila rubefacta



Foto 19. Enchimento de regularização do piso do Compartimento A.



Foto 20. U. E. 8. Contexto de derrube.



Foto 21. Bancada (?) paralela à parede Sudeste do oratório do Cerro da Mina 1.



Foto 22. Compartimento E. Aspecto final do *mihrab*.



Foto 23. Enchimento de colmatção de fissura natural entre afloramentos (B). Regularização para pátio ou espaço de circulação no espaço contíguo?



Foto 24. Enchimento de colmatção de fissura natural entre afloramentos (B). Regularização para pátio ou espaço de circulação no espaço contíguo?



Foto 25. Pormenor dos alicerces da *qibla*.

Quadro 3. Registo fotográfico da 2ª fase da escavação do Cerro da Mina 1.



Foto 26. Perspectiva elevada do Mihrab após escavação integral

estruturas (Fotografias 38 e 39 - quadro 5). Os trabalhos possibilitaram a definição de um conjunto religioso, composto por dois compartimentos, atribuível a Época Islâmica. Ambas as estruturas identificadas e adossadas apresentam contorno rectangular. O oratório (Compartimento C) exhibe *qibla* e, sensivelmente ao centro (Fotografia 25 - quadro 3), impõe *mihrab* com orientação Sudeste. Nicho possui contorno elíptico, integrado em volume quadrangular. Acesso ao interior no canto Sudeste da parede sagrada (*qibla*), com largura de 60 centímetros. Entrada ao nível do solo, sem sobrelevação por soleira. Afloramento rochoso nivelado, ainda que com inclinação natural a Sul. Possuiria, provavelmente, porta de madeira. Do templo, de alicerces melhor preservados, sobrevivia fiada de pedras pouco proeminente (Fotografia 26 - quadro 3).

O nível de derrube de telhas de meia cana e pasta grosseira indiciava uma cobertura original amparada, eventualmente, por vigamento de madeira. Agregado à parede Sudoeste da *qibla*, fragmento de *tegulae* sugeria reaproveitamento de materiais existentes no local ou região próxima. A construção recorria a blocos de xisto e grauaque semi-aparelhados ou seleccionados pela forma rectiforme natural. Terra amassada seria utilizada como

matéria-prima de agregação. As paredes ter-se-ão erguido em taipa, técnica típica do sul de Portugal, influência de culturas árabes que povoaram esta região. Consideram-se os sedimentos pouco argilosos como ideais para este tipo de construção, mas deveriam possuir pedras e cascalhos em abundância. Antes do levantamento de qualquer parede havia que construir painéis em madeira (taipais) sobre uma base de alvenaria, para que a substância não assentasse directamente sobre o solo. O espaço entre tapumes era, então, preenchido com terra húmida, batida e compactada por pilão, manuseado por um ou mais homens. No final, retiravam-se os amparos de madeira e permitia-se que secasse ao sol. Só depois se aplicaria camada de reboco de cal. Material perecível, desapareceu com o passar dos anos, sem deixar vestígios. Não foram identificados, igualmente, sinais de estuque.

A escavação realizada permitiu cumprir os objectivos de avaliação patrimonial inicialmente assumidos e concedeu resultados que aconselharam a adopção de medidas complementares de salvaguarda (nomeadamente, mediante escavação integral). Estimularam, em nota técnica preliminar (Henriques, Abril 2013), uma proposta de protecção do monumento, não concretizada, e germinaram a perspectiva de publicação das conclusões sob forma de monografia ou artigo devidamente ilustrados.

2.4 Descrição das Unidades Estratigráficas (UE)

A atribuição de UE's obedeceu à sequência de camadas naturais removidas e foi desenvolvida por ordem crescente, nunca repetindo um número. O material recolhido foi assinalado, durante a primeira fase de trabalho, por áreas de sondagem específicas e estratos de proveniência. Posteriormente, por uniformidades de escavação mais objectivas, atendendo às características estruturais (compartimentos).

2.5. Espólio

Os materiais arqueológicos recolhidos foram individualizados em sacos e identificados por unidades estratigráficas, tipo, data e observações. Estas informações estão contidas em etiqueta que acompanha os materiais. Foram objecto de lavagem e marcação, tendo-se realizado o seu inventário (Anexo 2), fotografia e correcto acondicionamento. O acervo é constituído por peças cerâmicas, recolhidas à superfície e exumados no âmbito das sondagens arqueológicas.

Do universo cerâmico exumado (1138 fragmentos cerâmicos; 3 elementos de metal; 10 líticos; 2 elementos de adorno; 2 amostras de sedimentos recolhidas,

UE [1]	Camada argilosa fina, de tom castanho avermelhado e fácil remoção. Inclui elementos pétreos de pequena dimensão, resultado de espedrega. À superfície, manta morta esparsa e pouco expressiva. Comum a todas as áreas intervencionadas. Não ofertou quantidade de material relevante.
UE [2]	Nível argilo-arenoso, compacto, de tom amarelado, antecedendo o maciço geológico.
UE [3]	Estrato correspondente a nível de telhas (<i>imbrices</i> espessos, a maioria exibindo pastas grosseiras e decoração digitada) resultante do colapso (derrube) de telhado, associado a fragmentos de cerâmica de uso comum e blocos pétreos (Compartimento A).
UE [4]	Colmatação de piso no interior do Compartimento A, com terra argilosa evidenciando sinais de combustão (nódulos queimados). Foi recolhida amostra. Preenchimento de fissuras naturais associando sedimentos, cerâmica e lajes grandes de xisto;
UE [5]	Estrutura de combustão assente sobre o afloramento rochoso, constituída por capeamento de argila rubefacta em nível de telha disposta horizontalmente.
UE [6]	Nível de telhas fragmentadas para assentamento da estrutura de combustão, visível após remoção do capeamento de argila rubefacta.
UE [7]	Interior da vala de drenagem talhada no interior do Compartimento A.
UE [8]	Unidade estratigráfica correspondente a derrube de cobertura. Cinge-se ao Compartimento C (espaço religioso), incluindo o <i>mihrab</i> . Composto, essencialmente, por nível de fragmentos de imbrice e escassa cerâmica comum, em organização horizontal. Assenta sobre o piso natural regularizado. Insinua a não adulteração antrópica do contexto (à excepção do canto Noroeste, dilacerado em circunstância desconhecida).
UE [9]	Colmatação de desnível entre afloramentos rochosos. Associa blocos de xisto e material cerâmico diverso. Enchimento bem representado, essencialmente, na Área B.
UE [10]	Compartimento C / D. Concentração de materiais cerâmicos de uso comum, circunscrito à divisão estabelecida entre os dois espaços. Aparentemente organizada durante o momento de colapso e/ou de destruição da parede Noroeste da estrutura.
UE [11]	Compartimento D. Derrube exterior.
UE [12]	Derrube localizado a Sudeste, encostado à parede da <i>qibla</i> .
UE [13]	Substrato rochoso (xisto), comum a toda a zona escavada nas duas fases de intervenção.

Quadro 4. Sequência estratigráfica registada na escavação do Cerro da Mina 1 (2ª fase).



Figura 7. Planta (Fase 2).



Figura 8. Planta (Fase 2a).

Figura 9. Planta (Fase 3).

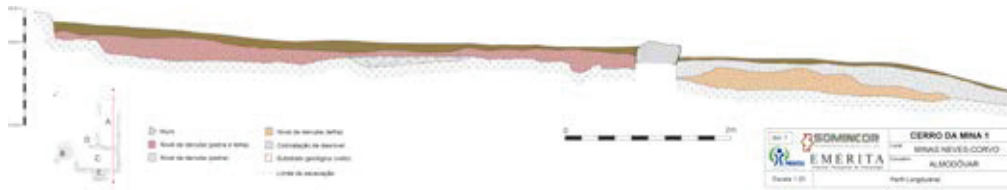


Figura 10. Cerro da Mina 1. Perfil estratigráfico SO - NE.

resultando em conjunto total de 1062 objectos de estudo) foram seleccionados 14 fragmentos considerados representativos da globalidade de tipologias e formas recolhidas durante o processo de escavação. Em termos de prevalência de tipologias, esta é claramente dominada pela utilitária de uso comum que engloba a cerâmica de mesa e de cozinha, sem intrusões de grandes contentores de armazenamento. Em percentagem residual surge um exemplar vidrado a verde e monocromático (apenas três, pertencendo a uma mesma peça). Os fragmentos encontram-se bastante erodidos, resultado de acidez dos solos de depósito, com diferenças cromáticas evidentes consoante o ponto de dispersão. As fracturas surgem, em certos casos, consideravelmente desgastadas em espessura e/ou planas, fenómeno que alterou pontos de contacto e colagem.

Todo o espólio foi identificado com a indicação de sítio arqueológico (sob a forma da sigla **CrM1 = Cerro da Mina, sítio 1**), número de inventário, da sondagem e da respectiva U.E. ([00]).

Foram recolhidos exemplares de cerâmicas de construção e de uso comum, tendo como finalidade determinar a cronologia do sítio. Maioritariamente, tratar-se-á de prováveis produções locais, moldadas recorrendo a matérias-primas circundantes, não projectando espectro de distribuição alargado. As pastas revelam-se heterogéneas, permitindo observar grãos mínimos, sendo a cozedura e a tonalidade variável entre exemplares. Consequentemente, a pesquisa tipológica peca por escassez de paralelos.

2.5.1 Cerâmicas de uso comum

1. Painéis. Louça de utilização essencial na cozinha e preparação de alimentos, são tendencialmente descritas como formas fechadas, de corpo globular e colo diferenciado, completadas com uma ou duas asas, e boca de tamanho médio. Comumente utilizadas no quotidiano familiar.

- Peça 2 (Estampa 1; Compartimento C / D - UE 10). Painel. Bordo extrovertido. Lábio quadrangular. Colo curto, troncocónico recto. Atinge 14,4 cm de diâmetro. Pasta laranja a vermelho, com e. n. p. visíveis, de dimensão média;



Figura 11. Planta final.

- Peça 3 (Estampa 1; Compartimento D – UE 1). Panela. Bordo extrovertido. Lábio quadrangular. Colo curto, troncocónico recto. 15 cm de diâmetro. Pasta negra, com e. n. p. visíveis, de dimensão média.

2. As tampas, objectos de uso doméstico, apresentam forma circular e assumem a função de cobertura de recipientes. Uma pequena pega remata o ponto central. Os testos encontram-se representados, na amostra, por dois exemplares:

- Peça 1 (Estampa 1; Compartimento C – UE 2). Bordo extrovertido, Lábio espessado internamente. 12,6 cm de diâmetro. Pasta alaranjada relativamente depurada. E.n.p. muito finos, de pequenas dimensões;

- Peça 6 (Estampa 1; Limpeza Geral – UE 1). Exemplar de atribuição discutível. Bordo extrovertido, Lábio semi-circular, espessado internamente. 9,2 cm de diâmetro. Pasta alaranjada relativamente depurada. E.n.p. pouco frequentes e muito finos, de pequenas dimensões.

3. As taças são recipientes abertos de ir à mesa, com corpo de contorno semi-hemisférico, sub-hemisférico ou troncocónico, com carena, carena acusada ou dupla carena, assentando em fundo plano, algo convexo, ou em pé anelar, mais alto. Formas multiformais, com dimensões variáveis, poderiam ser utilizadas individualmente ou para servir alimentos. As recolhidas no *Cerro da Mina 1* não têm decoração. Grande continuidade de produção, ainda que com variantes. Mantiveram-se ao longo de toda a permanência muçulmana (Gomes, 2002).

- Peça 9 (Estampa 2; Compartimento A – UE 3). Bordo extrovertido. Lábio triangular. Peça rasa, com 31 cm de diâmetro. Pasta de tom laranja, muito depurada. Reduzido número de e. n. p., de pequena dimensão e distribuídos regularmente;

- Peça 10 (Estampa 2; Compartimento A – UE 2). Taça. Bordo vertical. Lábio arredondado. Corpo em forma de calote esférica. 29,2 cm de diâmetro. Na superfície, exibe sulcos transversais de modelagem por digitação. Pasta de tom laranja, não uniforme em toda a face do fragmento. E. n. p. visíveis, pouco frequentes e de pequenas dimensões;

- Peça 11 (Estampa 2; Compartimento A – UE 3). Taça. Bordo extrovertido. Lábio arredondado. Corpo em calote esférica. 26,8 cm de diâmetro. Poucos e. n. p. de pequena dimensão. Distribuição regular. Pasta cinzento-escuro.

4. As tigelas são produções que, normalmente, se caracterizam pela abertura das formas e silhueta semi-esférica. Ainda que de tamanho variável, configuram maiores dimensões relativamente às taças.

- Peça 12 (Estampa 2; Sondagem 5 – UE 2). Tigela. Carena alta marcada. Bordo

extrovertido. Lábio vertical arredondado. Diâmetro de 42 cm. Pasta vermelha. E. n. p. visíveis, de pequena dimensão. Distribuição regular.

5. As particularidades dos potes inserem-nos nas produções de armazenamento e transporte. De fabrico fechado, caracterizam-se pelo corpo usualmente ovóide ou globular e boca relativamente estreita.

- Peça 8 (Estampa 1; Compartimento D – UE 1). Pote? Bordo extrovertido. Lábio arredondado. Colo cilíndrico recto. 24,8 cm de diâmetro. E. n. p. visíveis e abundantes, em distribuição regular. Pasta de tom castanho. Decoração de pequenos círculos na superfície do colo (Fotografia 27 - quadro 5).

6. Integradas no universo das louças de mesa, as bilhas podem exibir forma fechada, de tamanho pequeno ou médio, corpo globular, gargalo e boca estreitos e uma ou duas asas.

- Peça 4 (Estampa 1; Compartimento C – UE 1). Bilha? Bordo extrovertido. Colo troncocónico de tendência curva. Lábio arredondado. 13 cm de diâmetro. E. n. p. visíveis, embora pouco frequentes. Pasta de tom castanho (Fotografia 28 - quadro 5).

7. Entende-se por copo um pequeno recipiente de corpo cilíndrico ou globular, com ou sem asa e de uso individual.

- Peça 14 (Estampa 2; Compartimento A – UE 2). Copo? Bordo ligeiramente introvertido. Lábio de secção quadrangular. Colo cilíndrico recto desenvolvido, com caneluras. 10,4 cm de diâmetro. Pasta alaranjada, com e. n. p. abundantes e de pequena dimensão.

8. No conjunto exumado, surgem, ainda, fragmentos de utilidade indeterminada.

- Peça 7 (Estampa 1; Derrube Sudeste – UE 11). Tipologia indeterminada (bilha?). Forma fechada. Bordo extrovertido. Lábio arredondado. Colo troncocónico invertido recto. 12 cm de diâmetro. Pasta castanha a cinzenta. E. n. p. abundantes, de pequena dimensão.

- Peça 5 (Estampa 1; Compartimento A – UE 2). Função indeterminada. Bordo extrovertido. Lábio triangular. 10 cm de diâmetro. Pasta alaranjada, com e. n. p. abundantes e de pequena dimensão.

9. Apenas foi recolhida uma peça vidrada a verde, monocromática, de atribuição tipológica e cronológica incertas. Não foi possível reconstituir as características originais.

- Peça 13 (Estampa 2; Compartimento A – UE 3). Forma aberta, vidrada a verde na interior e exterior. Pintura monocromática. Paredes finas e estrias no corpo. Alcança 11,4 cm de diâmetro. Pasta branca, muito depurada (Fotografia 30 - quadro 5).

2.5.2 Cerâmicas de construção

O desenvolvimento da intervenção permitiu identificar um contexto arqueológico preservado, sendo constituído por um nível de telhas (*imbrices* espessos, a maioria exibindo pastas grosseiras, decoradas através de vários motivos digitados), resultado de colapso de cobertura. Estes materiais integram a tipologia de meia-cana ou canudo, com espessuras e características de pastas muito variáveis. Alguns exemplares atingem 2,6 cm de grossura. Percorrem uma linha temporal, aceite de forma consensual, com início no século IV. Destas, apenas foram recolhidos alguns exemplares mais relevantes, exibindo digitações serpenteantes ou lineares, de traço irregular, culminadas por pontos profundos de pressão por indicador. Ocasionalmente, as extremidades são rematadas por sulcos e/ou remates ondulantes, em relevo, na matéria-plástica antes da cozedura (Fotografia 31 - quadro 5). Em período romano e posteriores, alguns estudos interpretam as digitações como impressas nas oficinas/olarias, nomeadamente identificando operários que trabalhariam nos centros produtores. Tratar-se-á, eventualmente, de perduração de uma tradição (Neves dos Santos, 1962; Veiga Ferreira, 1969; Brodribb, 1987; Ochoa, Garcia-Entero & Sendino, 2008). O enquadramento temporal com recurso a materiais de construção é problemático e, isoladamente, não garante objectividade ao estudo. Deve ser tido em consideração que este tipo de manifestação artística percorre longa diacronia, não sendo exclusivamente utilizado durante a Idade Média. Segundo Santiago Macías (1996), descrevendo a realidade investigada em Mértola, porém com aplicação em *Cerro da Mina 1*, é difícil conceber que as telhas de uma cobertura tenham todas a mesma cronologia. Era muito comum (...) a reutilização de materiais, que ia muitas vezes até à recuperação de imbrices de apreciáveis dimensões (...) aparentemente (...) as telhas mais recentes – de cronologia almóada – são menos espessas e largas que os materiais de épocas mais antigas, nos quais parece ainda estar bem presente a tradição clássica de cobertura em tegula e imbrice.

Ainda que não utilizados na edificação do eremitério intervencionado, foram recuperados vários fragmentos de tijolo, elemento fundamental em indústrias anteriores. O carácter residual da recolha poderá implicar aproveitamento esporádico e muito específico.

As *tegulae*, de dimensões variáveis, são imediatamente associadas, nem sempre de forma correcta, a Período Romano. De base plana e rebordo lateral elevado, seriam cobertas por telha. No Cerro da Mina não existe quantidade suficiente para que se afirme ou defenda a sua integração estrutural na cobertura do conjunto arquitectónico (Fotografia 32 - quadro 5). Foi identificado um exemplar incrustado no muro da *qibla* e outros dispersos no interior e exterior do templo. Apresentam

sulcos transversais fundos, provável estratégia para melhor encaixe e sustentação (tentativa de evitar deslizamentos) do material a sobrepor. As particularidades dos indícios parecem apontar uma continuidade de ocupação que remonta a Época Romana (*tegulae*, fundo de ânfora) (Fotografia 29 - quadro 5) e Período Islâmico (cerâmica vidrada).

2.5.3 Testemunhos de actividades complementares

A actividade agrícola está ilustrada na presença de fragmentos de mó, um deles com furo central, e pia escavada em bloco de grauvaque (Fotografia 33 - quadro 5). Foi ainda recolhido um hipotético dormente manual em quartzito, com sinais de regularização superficial por raspagem (Fotografia 34 - quadro 5). A presença deste tipo de recursos em sítios arqueológicos constitui uma evidência de processamento de cereais pelos habitantes. A actividade têxtil encontra-se sustentada pela presença de um fragmento de peso de tear de forma sub-retangular, furo de suspensão transversal e secção circular (Peça 15, Estampa III; Sondagem 6 – UE 2, Fotografia 35 - quadro 5). Não obstante, ressalve-se a dubiedade de enquadramento temporal da ocorrência.

Blocos de grauvaque com covinhas podem ser considerados, quando enquadrados neste contexto, componentes arquitectónicos, nomeadamente como elementos de rotação de porta, incorporados em soleira ou lintel, embora não exibam marcas profundas de desgaste (Fotografia 36 - quadro 5). No interior do *mihrab* foi recolhido uma pequena placa de xisto de contorno triangular e ponta aguçada, com incisões e desgaste linear nas duas faces que pode ser imputado à passagem de fio imobilizador. A sua espessura é fina e atinge cerca de 6mm (Peça 16, Estampa III; Compartimento E – UE 3). O seu peso é reduzido, pelo que não se adianta hipótese de aproveitamento enquanto peso de rede ou tear. Assim, a sua vocação permanece indeterminada (Fotografia 37 - quadro 5).

3. Considerações finais

A *Via Romana XIII*, de ligação entre *Salacia* (Alcácer do Sal) e *Ossonoba* (Faro) passaria por Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde), a caminho de Sembrana e S. Pedro de Sólis, às portas do Algarve. Aparentemente, em época medieval, uma derivação por Almodôvar e Monte das Mestras inflecte o percurso um pouco mais para Oeste, levando ao exponencial crescimento da vila como ponto estratégico de entrada no território algarvio (Carbeiro, 2009).

“Almodôvar” é um topónimo cuja origem poderá resultar da corrupção da palavra árabe *Al-Mudura*. Significará coisa em *redondo* ou *cercada em redondo*. A vila, eventualmente reedificada em período islâmico, durante o séc. VIII, terá sido



Foto 27. Peça 8.



Foto 28. Peça 4.



Foto 29. Fragmento de fundo de ânfora romana.



Foto 30. Peça 13.



Foto 31. Fragmentos de telha com decoração digitada (Compartmento C - UE 8 e Compartmento D - UE 10).



Foto 32. Exemplares de tegulae (Comp. C UE 2, Muro da quibla, Comp. D - UE 10, Comp. C - UE 1, respectivamente).



Foto 33. Fragmentos de mó e pia.



Foto 34. Dormente manual em quartzito (?).



Foto 35. Fragmento de peso de tear (Peça 15).



Foto 36. Blocos de grauaque com covinhas gravadas.



Foto 37. Pequena placa de xisto com incisões (Peça 16).



Foto 38. Fase de desenho de campo.



Foto 39. Registo fotográfico.



Foto 40. Desmontagem do muro intermédio entre compartimentos A e C.



Foto 41. Perspectiva do desmonte do monumento.

Quadro 5. Materiais recolhidos e registo da fase final da escavação.



Foto 42. Fase final dos trabalhos. Desmontagem das estruturas.

rodeada por muralhas, no interior das quais se terá erguido uma fortificação. Outra corrente defende a evolução do termo *Al-Mudawwar*, interpretado como Empresa (provável conceito de agregação espiritual em causa religiosa).

Arquitectonicamente, podem estabelecer-se afinidades evidentes entre o sítio escavado no *Cerro da Mina 1*, nomeadamente o Compartimento C, e um oratório islâmico intervencionado em Aljezur (Algarve), integrado no *Ribat* de Arrifana (Gomes & Gomes, 2003; 2004; 2006), para o qual foi adiantada uma cronologia centrada em meados do séc. XII. Os autores adiantam a hipótese de um templo com estas particularidades (8 m de comprimento exterior por 4 m de largura. Particularidade idêntica: a entrada, com 0,60 m de abertura, situa-se no canto Sudeste) poder ser ocupado por um mestre religioso fundador e número reduzido de acólitos próximos.

Ambos apresentam planta de forma rectangular e parede principal orientada a Sudeste (em idioma árabe, *qibla* revela-se um termo genérico para direcção. No Islão, é definido como a direcção da *Kaaba* - construção cubóide reverenciada pelos muçulmanos na mesquita sagrada de *Al Masjid al-Haram*, em Meca, para onde

devem ser dirigidas as orações. Em cada mesquita existe um lugar que indica a orientação rigorosa, designado como *mihrab*).

O nicho sagrado possuiria pequena abóbada de pedra, revestida interiormente por estuque, à semelhança (salvaguardando-se a comparação modesta), do exemplar que se pode contemplar na mesquita de Mértola, reconstruída durante a II^a metade do séc. XII, com paralelos decorativos em Almeria (Espanha), o qual exhibe *contorno pentagonal, de Época Almóada. Assenta sobre uma estrutura, parcialmente visível, de planta quadrada e notável monumentalidade, formada por grandes silhares de granito. Provavelmente corresponderá ao mihrab Omíada da mesquita* (Martínez et al, 2009).

Analogias registam-se, também, em Guardamar (Província de Alicante), na Costa Levantina Espanhola, no antigo delta do Rio Segura, nomeadamente na margem meridional direita, adjacente à desembocadura no mar. Uma das mais antigas do Mediterrâneo Ocidental, em actividade desde finais do séc. IX a meados do século seguinte. Este complexo desempenharia funções religiosas, de preparação espiritual, e militares, à semelhança de qualquer outro *Ribat* [enquanto unidade de carácter bélico (para *matar* no sentido *profissional* e glorioso do confronto) ou militarista (para *morrer*, conceito associado ao ideal místico de guerra santa contra os infiéis)], em particular os que se encontravam implantados junto à costa. Contextualizam-se em início de ocupação de territórios, integrando a sua defesa, sendo relevantes, enquanto acantonamento, na estratégia relacionada com a perspectiva de novas conquistas. A partir do séc. XI em diante, o carácter devoto sobrepõe-se ao estratégico e militar, durante o período de decadência Califal e estabilização da Dinastia Omíada, com consequente pleno controlo de recursos de poder.

Na povoação islâmica de Vascos, na cidade espanhola de Toledo, encontrava-se um pequeno oratório similar (6,40 m por 2,80 m). No Castelo Velho de Alcoutim, com ocupação centrada em Período *Emiral* e espólio cerâmico ainda filiado em Época Visigótica e finais do séc. XI ou inícios do XII, obras de remodelação do espaço ocorridas durante o séc. X incluíram a construção de uma pequena mesquita privada. O espaço de oração foi edificado perto da porta de acesso, na área muralhada inferior. A orientação antagoniza o plano urbanístico anterior e impõe-se como estrutura isolada relativamente aos núcleos habitacionais contíguos, junto ao pano da muralha Norte. O compartimento encontrava-se bastante destruído, ao nível dos alicerces. Apresentava nave única, de planta rectangular, com cerca de 7,60 m de comprimento e 2,90/3 m de largura variável, definindo um espaço interno de apenas 22,80m². A parede voltada a Sudeste corresponde à *qibla*. É aqui que se encontra o *mihrab* e a porta de entrada que abre para um

pequeno átrio. Visto do exterior, tem planta quadrada, com paredes de 55/60 cm. A entrada far-se-ia por uma porta rasgada na parede da *qibla*. O carácter privado deste oratório justificaria as suas reduzidas dimensões e o facto de não se ter identificado um típico pátio de abluções, indispensável nas grandes mesquitas urbanas (Catarino, 2005/06).

Na Praia das Maças (Colares, Sintra), testemunhos identificados são atribuídos a um *ribat*. Atendendo às características, tratar-se-á de uma pequena mesquita, com *mihrab* orientado a Sudeste, erguida com recurso ao reaproveitamento de elementos arquitectónicos romanos. Vestígios muçulmanos são bastante residuais, apesar de alguns fragmentos da cronologia enquadrável no séc. XII, provável fase final de ocupação. Um espaço de necrópole encontra-se associado. Salienta-se grande quantidade de conchas, algumas ainda associadas a fogueiras, indícios de aproveitamento dos recursos marinhos no local. Tal realidade não se verifica no Cerro da Mina 1, permitindo aventar a hipótese de se tratar de um local de passagem e estadia esporádicos ou destino de peregrinações ou rituais específicos e sazonais, sem que tal implicasse estadia prolongada. A situação isolada e aparentemente “autónoma” destaca semelhanças com pequenas mesquitas dos desertos da Síria e do Négev (Sul de Israel). Estes templos atribuídos aos séc. VIII e IX, nem sempre eram providos de cobertura fixa e mostravam igualmente pequenas dimensões, embora alguns apresentem anexos. Constituíam importantes pontos de referência para viajantes e peregrinos (Gomes & Gomes, 2003).

Não é claro o sistema de relações existente, em Época Islâmica, entre poder central e aglomerados rurais dispersos territorialmente, embora sujeitos a regras de dependência, para além de controlo fiscal, judicial, militar, económico e cultural. A organização de povoamento circundante às urbes de maior estatuto ou a qualquer centro fortificado basear-se-ia em conjuntos de alcarias, enquanto núcleos interdependentes e vocacionados para exploração agrícola, unidos, entre outras coisas, pelo pagamento de impostos. No Cerro da Mina, o edifício religioso poderia estar consagrado à espiritualidade mediante oração e retiro, nos quais se praticava assistência, peregrinações em datas específicas, nomeadamente durante o Ramadão, sessões de leitura canónicas, meditação, estudo e austeridade. Implantado no exterior da esfera directa de influência de um poder centralizado, a ausência de intervenção estatal deveria manifestar-se frequentemente. A comunidade residente, ainda que disseminada, seria responsável e contribuiria, directa ou indirectamente, na construção e manutenção do núcleo. Não surge relacionado com conjunto simbólico ou habitacional de maior envergadura. Poderia a construção estar relacionada com uma importância mística do lugar? Aparentemente, a implantação aproveitou de maneira eficiente as características

naturais, sem necessidade de grande transformação da paisagem e/ou recursos. As motivações aparentam ter sido meramente paisagísticas, comportando escasso impacto ambiental e arquitectónico.

A estrutura do Cerro da Mina detinha um espaço interior de 15,40 m² (550 cm por 280 cm). No âmbito da investigação efectuada, corresponde, em comparação tipológica, a modelo de menores dimensões. A. Lézine (1971) estabelece, como espaço necessário de oração para cada fiel, um rectângulo imaginário com cerca de 0,60 m de largura e 1,35 m de comprimento. Segundo este cálculo, um indivíduo ocuparia 0,99 m², pelo que daria uma possibilidade de ocupação total acomodando apenas 12/13 pessoas.

Segundo Helena Catarino, a Mina de S. Estevão, em Silves, encontrava-se em exploração durante Época Islâmica, tendo sido recolhido um cantil, decorado a corda seca parcial, hoje depositado no Museu dos Serviços Geológicos (Catarino, 2005-06). Poderá motivar uma interrogação: estaria activa a extracção mineira, tal como se verifica actualmente, nas proximidades do Cerro da Mina? Seria esta baseada em pequenas povoações de cariz familiar ou comunitário, nas quais a população, pela relação de proximidade, dedicar-se-ia à exploração, em escala local e à medida das necessidades, em paralelo com o pastoreio, tecelagem e pequena agricultura de subsistência? Não se encontraram vestígios dessa actividade durante os trabalhos arqueológicos (escórias, materiais rubefactos, sinais de fundição). Não obstante, as características simbólicas do lugar podem tê-lo salvaguardado de labores terrenos.

M. de Epalza desenvolve significados que podem ser imputados a este tipo de edifícios: *Râbita*, ou seja, cada uma das células de um “mosteiro” ou pequenos mausoléus / oratórios. A partir do séc. XII, edifício isolado, no qual se reúnem muçulmanos em torno de um mentor piedoso para práticas de devoção. No entanto, talvez o termo *Záwiya* resuma melhor: pequeno santuário de retiro espiritual, semelhante ao anterior, embora sem referência à espiritualidade do *Ribat* ou à noção de *guerra santa* islâmica, ou seja, lugares de culto e alojamento de viajantes. Frequentemente, sítios de estudo. Localizar-se-iam, ambos, nas imediações de cidades e pequenas povoações. Estariam integrados em redes estatais de controlo do território fronteiriço islâmico terrestre, localizando-se, por exemplo, junto a antigas vias de comunicação. Não se pode ignorar a vocação natural de charneira fronteiriça assumida pela Serra Algarvia e a delimitação que estabelece com a planície alentejana.

O espólio cerâmico não é abundante no interior do espaço religioso, tal como não foram detectados restos de fauna mamalógica, malacológica ou avifauna,

constatação consonante com o espírito de reclusão pretendido, reflexo de frugalidade alimentar intencional e jejuns rituais.

No decurso da investigação, apesar do ritual obrigatório de purificação antes de entrar em recinto sagrado, não foram identificadas pias de ablução, eventualmente substituídas por contentores de água cerâmicos.

A divisão adossada (Compartimento A), pior conservada, exhibe diferentes e débeis características de edificação. Não obstante, poder-se-ia considerar o conjunto, no seu todo, como mesquita-cela, de pequena dimensão, combinando uso religioso e carácter habitacional atestado por vala de escoamento e preocupação de nivelamento de irregularidades no pavimento. Em Guardamar, esta ambivalência encontra-se ilustrada através de vestígios de combustão no interior de estrutura contígua, paralelismo com o verificado na situação descrita. Este anexo perpendicular poderia ser utilizado como sala de ensinamento, retiro espiritual ou de estadia esporádica e breve. Nele poderiam ser conservados elementos essenciais à permanência e celebração ritual (azeite de lamparinas, esteiras / tapetes, material de limpeza e reparação, outros).

Relativamente às cerâmicas de uso comum, verificaram-se pouco frequentes e encontram-se muito segmentadas, sendo difícil, com base nos fragmentos exumados e recolhidos à superfície, determinar uma cronologia apurada para o sítio. A inexistência de uma tipologia ou característica típica não permitiu apurar o espectro cronológico de ocupação. Catálogos de materiais correspondentes a este período civilizacional cingem-se, bastas vezes, a materiais de luxo, vidrados e profusamente decorados, o que torna penoso o apuramento de paralelos para exemplares regionais ou de pouca difusão territorial.

A única cerâmica vidrada, de cariz inequivocamente islâmico, ainda que de forma indeterminada, insere-se numa categoria decorativa monocromática que, a partir de época Almóada (1124 – 1269), circula normalmente enquanto produção de consumo comum. O verde é conotado como cor atribuída ao profeta, utilizado na vestimenta, junto ao negro, e simboliza, em todas as civilizações, o mundo vegetal. No campo simbólico islâmico, vincula-se à noção de paraíso (Martínez, 2004).

Deste modo, apenas se pode concluir que, atendendo à comparação com os estudos disponíveis, o sítio arqueológico corresponderá a um núcleo religioso isolado, de cronologia islâmica, com uma ocupação balizada entre os finais do século XII e o XIII d.C.

Apesar da irremediável condenação do sítio, a especificidade histórico-cultural do monumento justificava a discussão da possibilidade de preservação do conjunto

arqueológico ou, eventualmente, uma hipotética selagem e conservação, em condições de segurança, no interior da obra. Como não foi possível a concretização das intenções de salvaguarda, o núcleo religioso islâmico foi controlada e cientificamente desmontado sob supervisão do arqueólogo responsável pelo acompanhamento de obra, Dr. Fernando Santos, a quem agradecemos o registo fotográfico e recolha de espólio remanescente (Fotografias 40, 41 e 42 - quadro 5).

Considerou-se fundamental a execução de acompanhamento por arqueólogo de obras posteriores a executar, nomeadamente ao nível das operações de escavação e revolvimento de terras, precedido de uma prospecção imediatamente sequente à desmatação do terreno, como forma de preservação de hipotéticos testemunhos directos de povoamento não passíveis de detecção superficial.

Foi ainda aconselhado que os materiais arqueológicos sobranes (fragmentos de telha que permaneceram no terreno, uma vez ser inoportuno o transporte e armazenamento total, para além da inutilidade de análise mais profunda, ou seja, apresentavam características idênticas aos exemplares recolhidos e em processo de estudo) deveriam ser resguardados em depósito georreferenciado (de preferência em espaço da mina, aterro, outro), de modo a evitar a criação de falso sítio arqueológico, tal como descrito na comunicação “Tão Importante como registar é saber o que procurar para registar”, texto apresentado no 2º Workshop “Critérios de Avaliação de Impactes sobre o Património – O Registo” (Caninas *et al*, 2013).

Fontes de informação e documentação consultada

Bibliografia

- Alarcão, J. de (1988a) – Roman Portugal, vol. 3, fasc. 2 (Coimbra & Lisboa), Warminster, Aries & Phillips.
- Alarcão, J. de (1988b) – O Domínio Romano em Portugal, Publicações Europa América, Lisboa.
- Alarcão, J. (2004) – “Notas de Arqueologia, Epigrafia e Toponímia – I”, Revista Portuguesa de Arqueologia. Volume 7, número 1, 2004, p.317-342.
- Angelé, Sabine; Cressier, Patrice (1990) – “Velefique (Almería): Un Exemple de Mosquée Rurale en Al-Andalus”, Mélanges de la Casa de Velázquez – Antiquité et Moyen Âge, XXVI-1, Madrid, pp. 112-130.
- Boiça, Joaquim Ferreira; Barros, Maria de Fátima Rombouts (1995) – As Terras as Serras os Rios: As Memórias Paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola. Mértola: Campo Arqueológico.
- Beodribb, G. (1987) – Roman Brick and Tile, Gloucester, Alan Sutton Publishing.
- Bugalhão, Jacinta *et al* (2010) – “CIGA: Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb Al-Ándalus”, Revista Xelb, n.º 10, Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, pp. 455 – 476.
- Bugalhão, Jacinta; Gomes, Ana Sofia; Sousa, Maria João (2003) – “Vestígios de Produção Oleira Islâmica no Núcleo

Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa”, Revista Arqueologia Medieval, n.º 8, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, pp. 129 – 191.

Caninas, João Carlos et al (2013) – “Tão Importante como Registrar é Saber o que Procurar para Registrar”, EMERITA - Estudos de Arqueologia e Património Cultural, nº 1, pp. 172-187.

Capilla, Susana C. (2004) – “Las Mesquitas de Pequeñas Ciudades y Núcleos Rurales de Al-Andalus”, Revista de Ciencias de las Religiones, X, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, pp. 39-63.

Cardoso, Guilherme; Cardoso, João Luís (s.d.) – A Necrópole Tardo-Romana e Medieval de Talaíde (Cascais). Estudo Preliminar. (s.l.).

Carneiro, André (2009) – Itinerários Romanos do Alentejo, 2ª Edição, Edições Colibri, Lisboa.

Costa, António Carvalho da (1706-12) – Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal..., Lisboa, 3 vols.

Catarino, Helena (2005/06) – Formas de Ocupação Rural em Alcoutim (Séculos V – X), CuPAUAM 31-32, pp. 117 – 136.

Delgado, Manuela; Morais, Rui; Ribeiro, Jorge (2009) – Guia das Cerâmicas de Produção Local de Bracara Augusta, Ed. CITCEM, Braga.

Fabião, Carlos; Guerra, Amílcar (2008) – “Mesas do Castelinho (Almodôvar) – Um projecto com vinte anos”, Al-madan, 2ª Série, n.º 16, Almada, Dezembro, pp. 92 – 105.

Epalza, Mikel de (1993) – La Espiritualidad Militarista del Islam Medieval. El Ribat, Los Ribates, Las Rabitas Y los Almonastires de Al-Andalus, “Medievalismo”, Revista de la Sociedad Española de Estudios Medievales, n.º 3, Madrid.

Fonseca, João (2007) – Dicionário do Nome das Terras, 2ª Edição, Casa das Letras, Cruz Quebrada.

Gomes, Rosa V. (2002) – “Silves (Xelb), Uma Cidade do Gharb Al-Andalus. Território e Cultura”, Trabalhos de Arqueologia, n.º 23, IPA, Lisboa.

Gomes, Rosa V.; Gomes, Mário V. (2003) – A Djihâd no Extremo Sudoeste Peninsular – O Recém – Identificado Ribat da Arrifana (séc. XII), Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n.º 16, Lisboa, Ed. Colibri, pp. 141 – 159.

Gomes, Rosa V.; Gomes, Mário V. (2004) – O Ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve) – Resultados da Campanha de Escavações Arqueológicas de 2002, Revista Portuguesa de Arqueologia, Volume 7, n.º 1, pp. 483 – 573.

Gomes, Rosa V.; Gomes, Mário V. (2006) – O Ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve) – Resultados das Escavações no Sector 3 (2003/2004), Revista Portuguesa de Arqueologia, Volume 9, n.º 2, pp. 329 – 356.

Lézine, Alexandre (1971) – Deus Villes d’Ifriqiya. Sousse. Tunis. Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner

Losada, Raúl (2012) – Monumental Santuário Romano do Sol e da Lua – Sítio Arqueológico do Alto da Vigia (Praia das Maças, Colares) - Ribat de Época Islâmica, Portugal Romano.com, Revista de Arqueologia Romana em Portugal, n.º 0, Ano 1, pp. 30 – 32.

Machado, José Pedro (2003) - Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, 3 Volumes, 3ª Edição. Lisboa, Livros Horizonte.

Macías, Santiago (1996) – Mértola Islâmica – Estudo Histórico- Arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII – XIII), Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

Martínez, Pascual Ruiz () – El Caso de los Eremitorios Fortificados Musulmanos: El Ribat en la Edad Media Peninsular, www.contraclave.es/historia/ribats.pdf.

Martínez, Susana Gómez; Lopes, Virgílio; Torres, Cláudio; Palma, Maria de Fátima; Macías, Santiago (2009) – “Mértola Islâmica. A Medina e o Arrabalde”, Revista Xelb, n.º 9, Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve,

Silves, pp. 407 – 429.

MARTÍNEZ, Susana Gómez (2004) – La Cerámica Islámica de Mértola: Producción y Comercio, Memoria para Optar al Grado de Doctor, Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Geografía e Historia, Departamento de Historia Medieval, Madrid.

MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte (2010) – PORTUGAL – O Sabor da Terra, 2ª Edição, Temas e Debates - Círculo de Leitores.

MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui; LIRANZO, Olga S. (2005) – “Monte Canelas (Alcalar, Portimão). Trabalhos Arqueológicos de Salvamento de um *Habitat* da Época Islâmica no Barrocal Algarvio”, Xelb, n.º 5, Actas do 2º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, pp. 133 – 156.

Neves dos Santos, J. (1962) – Marcas “Dedadas” nas Telhas Romanas do Castro de Guifões, Studium Generale, IX, t. 1, Lisboa, pp. 230 – 282.

Ochoa, Carmen F.; Garcia-Entero, Virginia; Sendino, Fernando Gil (2008) – Las Villas Tardorromanas en el Occidente del Imperio: Arquitectura y Función, IV Colóquio Internacional de Arqueologia en Gijón, Ed. Trea, Gijón. Pinho, António Bastos de (2003) – Caracterização Geotécnica de Maciços Rochosos de Baixa Resistência – O Flynch do Baixo Alentejo, Dissertação apresentada à Universidade de Évora para Obtenção do Grau de Doutor em Geologia, Universidade de Évora, Évora.

Pires, Alexandra; Ferreira, Mulize (2003) – “Povoado Islâmico da Portela 3: Resultados Preliminares”, Revista Xelb, n.º 4, Actas do 1º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, pp. 279 – 306.

Raposo, Jorge (2001) – “Sítios arqueológicos visitáveis em Portugal”, Al-madan, 2.ª Série, n.º 10, Almada, p. 100 - 157.

Ribeiro, O; Lautensach, H.; Daveau, S. (1988) – Geografia de Portugal. O Ritmo Climático e a Paisagem, Edições João Sá da Costa, Lda., Lisboa, Vol. II.

Ribeiro, O; Lautensach, H.; Daveau, S. (1991) - Geografia de Portugal. A Posição Geográfica e o Território, IIª Edição, Edições João Sá da Costa, Lda., Lisboa, Vol. I.

Ribeiro, Orlando (1991) – Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, Coimbra, 6ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa Saa, Mário (1960) – As grandes vias da Lusitânia, 3, Lisboa.

Silva, António; Costeira da Silva, R. (2005) – “Resultados da Intervenção no Sítio Arqueológico de Barradas (Odiáxere, Lagos)”, Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 8, n.º 2, Instituto Português de Arqueologia, pp. 55 – 106.

Veiga Ferreira, S. de (1969) – “Marcas de Oleiro em Território Português”, O Arqueólogo Português, Série III, Vol. III, Lisboa, pp. 131 – 137.

Torres, Cláudio (1992) – “A Sé Catedral da Idanha”, Revista Arqueologia Medieval, n.º 1, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, pp. 169 – 178.

Relatórios

PROCESL (2010) - Relatório Final do Estudo de Incidências Ambientais do Sub-Parque Eólico de Mértola (relatório fornecido por PROCESL).

Henriques, Fernando (2013) – Sondagens Arqueológicas de diagnóstico no Sítio do Cerro da Mina 1 no Complexo Mineiro de Neves Corvo, Março (relatório fornecido por PROCESL).

Henriques, Fernando; Pereira, André (2013) – Alargamento da Áreas Contíguas às Sondagens 1 e 2 no Sítio do Cerro da Mina 1 no Complexo Mineiro de Neves Corvo, Abril (relatório disponibilizado por PROCESL).

Monteiro, Mário; Caninas, João Carlos (2007) – Estudo de Impacte Ambiental das Minas de Neves Corvo (relatório facultado por EMERITA, Empresa Portuguesa de Arqueologia).

Monteiro, Mário; Henriques, Fernando (2013) – Relatório das Sondagens de Diagnóstico Realizadas no Âmbito do Sub-Parque Eólico de Mértola (Mértola) – Cerro do Moinho Velho 2, Abril (relatório facultado por EMERITA, Empresa Portuguesa de Arqueologia).

Monteiro, Mário; Henriques, Fernando (2013) – Relatório das Sondagens de Diagnóstico Realizadas no Âmbito do Sub-Parque Eólico de Mértola (Mértola) – Penedos, Abril (relatório fornecido por EMERITA, Empresa Portuguesa de Arqueologia).

Monteiro, Mário; Henriques, Fernando (2013) – Relatório das Sondagens de Diagnóstico Realizadas no Âmbito do Sub-Parque Eólico de Mértola (Mértola) – Milhano Velho, Abril (relatório facultado por EMERITA, Empresa Portuguesa de Arqueologia).

Santos, Fernando (2013) – Acompanhamento Arqueológico dos Trabalhos de Construção do Reservatório do Cerro da Mina – Neves Corvo, Nota Técnica, Janeiro (relatório proporcionado por PROCESL).

Cartografia

CMP (1990), Carta Militar de Portugal, Folhas 564 e 565 Mértola, Esc. 1:25.000, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

Planos

Plano Director Municipal de Almodôvar (Julho de 2002)

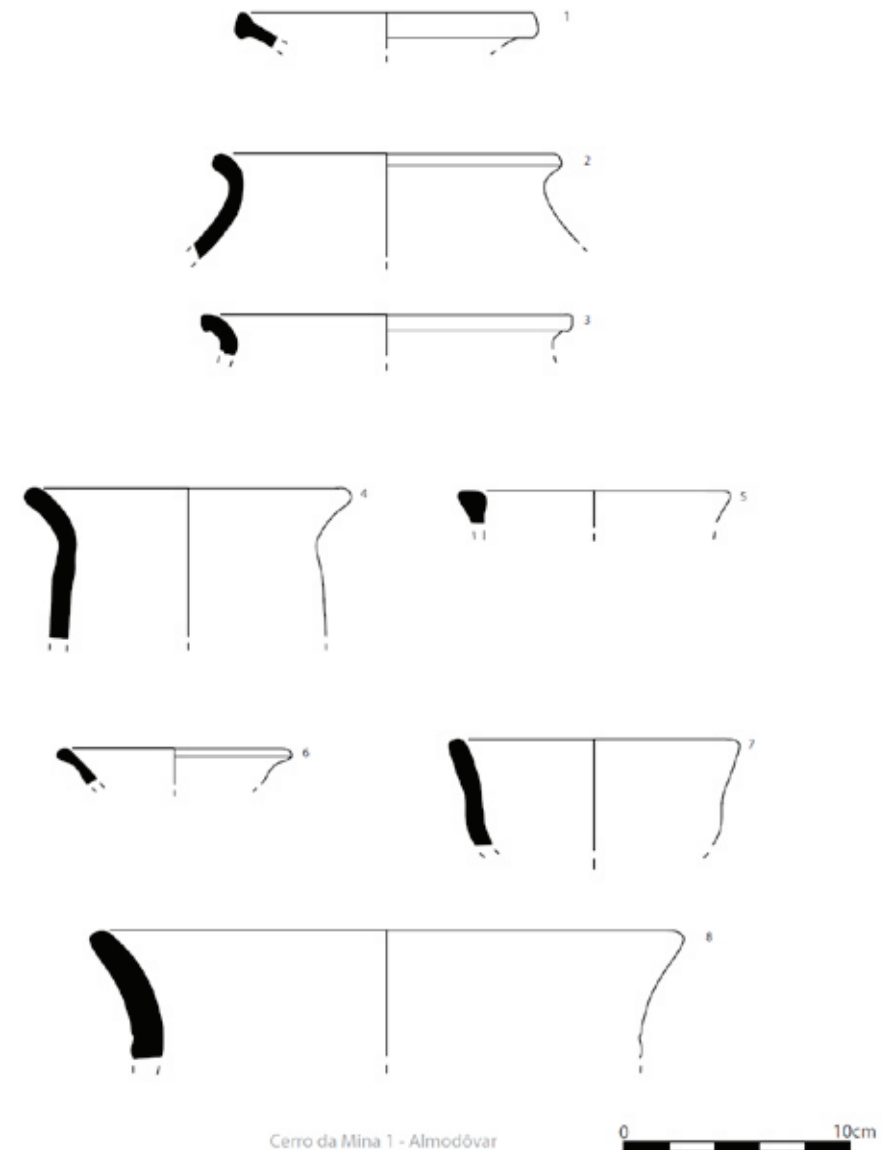
Sítios da Internet

Câmara Municipal de Almodôvar: <http://www.cm-almodovar.pt/>

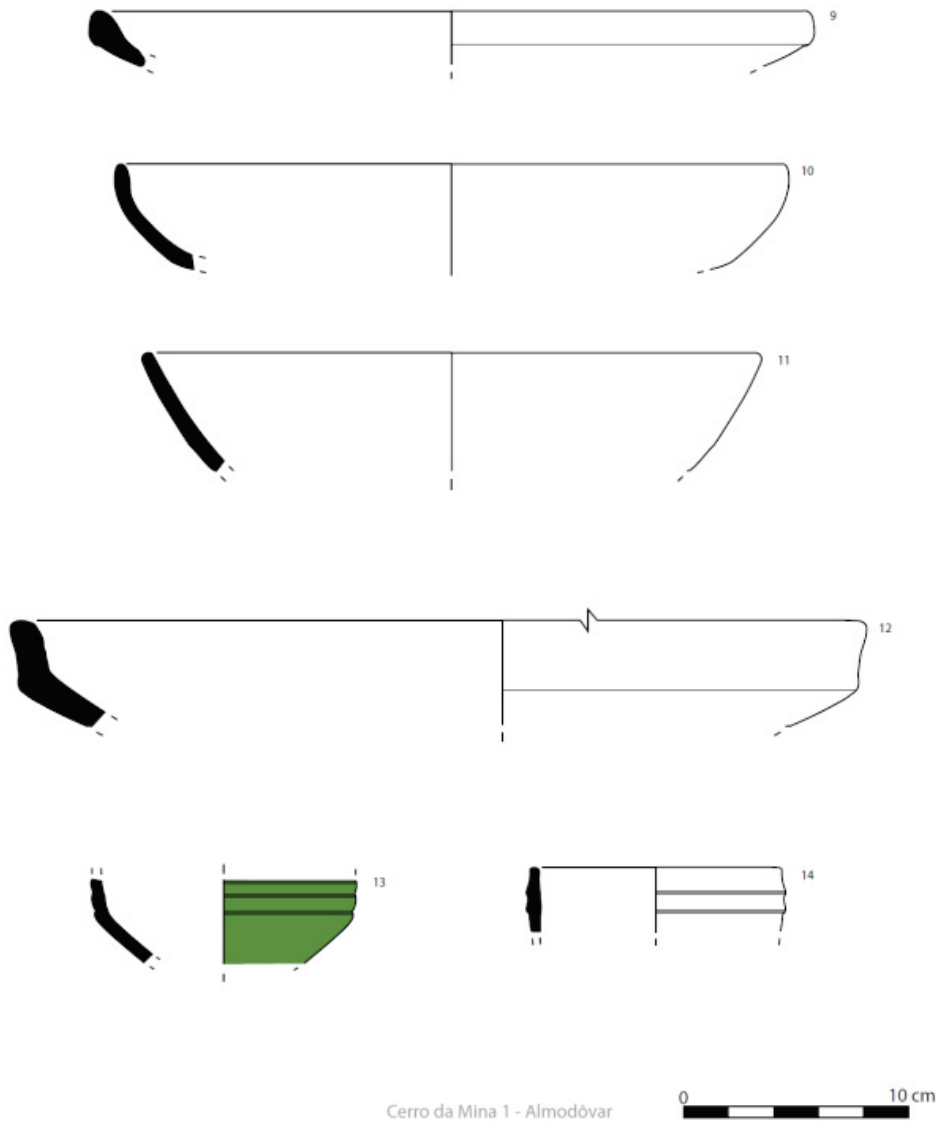
Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC, Endovélico): www.igespar.pt

Google Earth

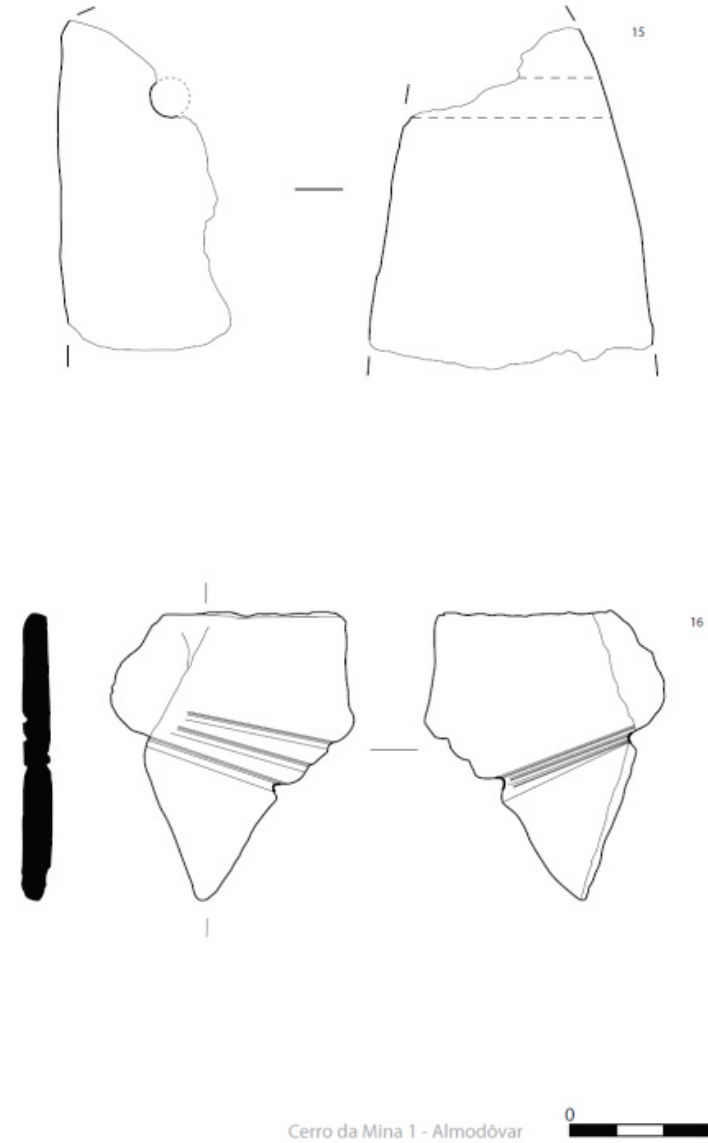
Anexo 1. Estampas



Estampa 1



Estampa 2



Estampa 3

Anexo 2. Inventário dos materiais

1ª fase (sondagens)

	Sondagem 1 – UE 1
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo	1
Fragmento de parede	7
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	18

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 1 – Limpeza e Definição de Alinhamentos (UE 1)
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	4
MURO ESTE	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	7
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	8

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 1 – UE 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	1
Fragmento de bordo c/ arranque asa	1
Fragmento de bordo	3
Fragmentos de fundo	3
Fragmento de parede	28
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	32
Espólio Metálico	
Fragmento de prego em ferro	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 2 – UE 1
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	2

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 3 – UE 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo	2
Fragmento de asa	1
Fragmento de parede	8
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha sem digitação	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 4 – UE 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	4
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 5 – UE 1
Espólio identificado	
Material Lítico	
Bloco de xisto com covinha	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	8

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 5 – UE 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo e fundo	3
Fragmento de bordo	3
Fragmento de asa	4
Fragmento de parede	22
Fragmento de cerâmica grosseira (ind.)	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	1
Fragmento de telha sem digitação	21

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 6 – UE 1
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	2
Fragmento de fundo	3
Fragmento de parede	4
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	10
Fragmento de telha sem digitação	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sondagem 6 – UE 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	2
Fragmento de bordo	1
Fragmento de bordo vidrado	1
Fragmento de fundo	2
Fragmento de parede	11
Fragmento de peso de tear	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	21
Fragmento de tijolo	5

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Recolha de Superfície
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo c/ arranque asa	1
Fragmento de parede vidrada	1
Fragmento de faiança	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	9
Fragmento de tijolo	1
Cerâmica de Armazenamento	
Fragmento de fundo de talha	1
Fragmento de talha	1
Espólio Lítico	
Bloco de xisto com três covinhas	1
Fragmento de dormente / pia (?) em xisto / grauvaque	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Limpeza Geral Final
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de fundo	1
Fragmento de parede	20

2ª fase (escavação em extensão)

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Limpeza Geral – UE 1
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	5
Fragmento de bordo	4
Fragmento de fundo	5
Fragmento de parede	39
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	15

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Área 1 – UE 1
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	2
Fragmento de bordo	1
Fragmento de fundo	4
Fragmento de parede	47
Fragmento de parede c/ arranque asa	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Área 1 – Derrube Sul - UE 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	1
Fragmento de bordo	1
Fragmento de fundo	2
Fragmento de parede	20
Fragmento de parede c/ arranque asa	1
Fragmento de cerâmica indeterminada	1
Cerâmica de Armazenamento	
Fragmento bordo de <i>dolium</i>	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	11
Fragmento de tijolo	4
Fragmento de <i>tegulae</i>	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento A – UE 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	5
Fragmento de bordo	9
Fragmento de fundo	17
Fragmento de parede	121
Fragmento de parede c/ arranque asa	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	2

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento A – UE 3
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	1
Fragmento de bordo	2
Fragmento de fundo	8
Fragmento de parede	85
Fragmento de parede vidrada a verde	3
Cerâmica de Construção	
Fragmento de tijolo	1
Material Metálico	
Fragmento de Ferro	1
Espólio Lítico	
Percutor / movente manual (?) em quartzito	1
Espólio de Adorno	
Contas / Missangas em pasta de vidro verde	2

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento A – UE 4
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	10
Amostras	
Frasco de sedimentos de colmatação	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento A – UE 5 (Estrutura de Combustão)
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	6
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha sem digitação	5
Amostras	
Saco de sedimentos queimada	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento A – UE 6 (Nível de assentamento da estrutura de combustão)
Espólio identificado	
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha sem digitação	5

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento A – UE 7 (Vala de Drenagem)
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	1
Fragmento de fundo	1
Fragmento de parede	23
Fragmento de base (?) decorada	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	4

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento B – UE 9
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de fundo	1
Fragmento de parede	1
Cerâmica de Armazenamento	
Fragmento de fundo de ânfora romano	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento C – UE 1
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo	1
Fragmento de fundo	2
Fragmento de parede	19
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	1
Fragmento de <i>tegulae</i>	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento C – UE 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	2
Fragmento de bordo	1
Fragmento de fundo	3
Fragmento de parede	22
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	2
Fragmento de tijolo	2
Fragmento de <i>tegulae</i>	1
Cerâmica de Armazenamento	
Fragmento de talha	1
Espólio Lítico	
Bloco de grauvaque com covinha	2
Bloco de grauvaque com abrasão central (dormente?)	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento C – UE 8
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	1
Fragmento de bordo	2
Fragmento de fundo	5
Fragmento de arranque de asa	1
Fragmento de parede	25
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	15
Fragmento de tijolo	5
Fragmento de <i>tegulae</i>	2 (uma delas integrada no muro da <i>qibla</i>)
Espólio Lítico	
Bloco de xisto paralelepípedo com covinha	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento C / D – UE 10 (Sob Derrube)
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo	1
Fragmento de fundo	3
Fragmento de pança c/ arranque asa	1
Fragmento de parede	110

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento D – UE 10
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo	4
Fragmento de fundo	2
Fragmento de parede	17
Fragmento de parede c/ decoração circular digitada	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Compartimento E – UE 8
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	8
Material metálico	
Tira metálica de função indeterminada	1
Material Lítico	
Pequena placa de xisto triangular, estreita, com sulcos	1
Fragmento de telha digitada	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Derrube Sudeste – UE 11
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	1
Fragmento de parede	21
Fragmento de fundo	2
Fragmento de parede	21
Cerâmica de Armazenamento	
Fragmento de bordo de <i>dolium</i> (?)	1
Fragmento de fundo de <i>dolium</i> (?)	1
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	17
Fragmento de tijolo	5
Material Lítico	
Fragmento de mó movente com furo central	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Sem Contexto
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de asa	1
Fragmento de parede	4

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Enchimento 1
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo	3
Fragmento de parede	7
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	1

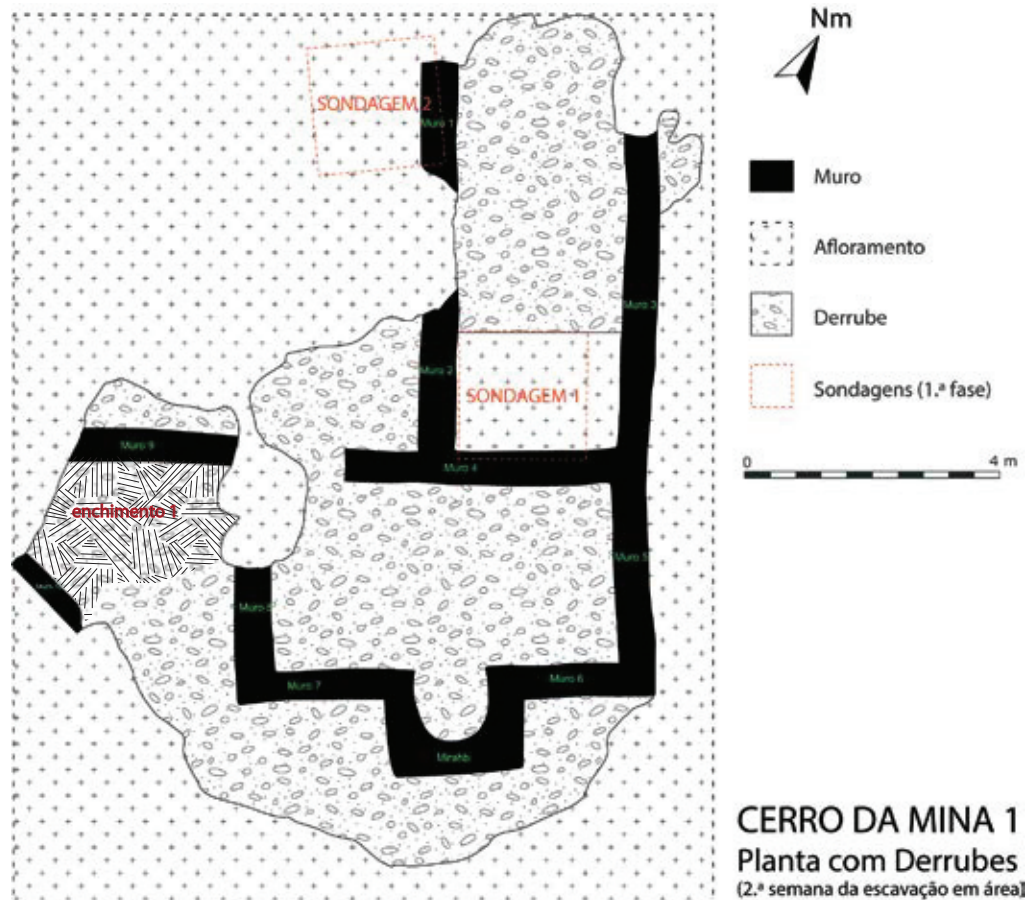


Figura 12. Distribuição de designações aos muros como referência para a desmontagem da estrutura

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Muro 2
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de fundo	2
Fragmento de parede	12
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Muro 3
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo	2
Fragmento de fundo	4
Fragmento de parede	23
Fragmento de parede com decoração (círculos concêntricos)	2

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Muro 4
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de bordo	2
Fragmento de bordo com arranque de asa	1
Fragmento de parede	18
Fragmento de parede com decoração	2

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Muro 5
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	9

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Muro 6
Espólio identificado	
Cerâmica de Construção	
Fragmento de telha digitada	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Muro 7
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento de parede	1

Cerro da Mina 1 – CrM 1	Muro 9
Espólio identificado	
Cerâmica Comum	
Fragmento indeterminado	1